

Digitalização e revisão: Grupo DIGITALIS, 2000

FÁBULAS DE ESOPPO

ESOPPO

Tradução: Joana Albuquerque

Editora Marco Zero

1977

Fábulas de Esopo

O Lobo e o Cordeiro

UM LOBO, encontrando um Carneiro perdido de seu rebanho, resolveu não agir de modo violento, mas encontrar algum pretexto para devorá-lo. E dirigiu-se a ele deste modo: "Cavalheiro, no ano passado o senhor insultou-me grosseiramente." "Na verdade," baliu o Cordeiro, num tom de voz dolente, "Eu ainda nem era nascido." Então disse o Lobo "o senhor alimentou-se da minha relva." "Não, meu bom senhor," replicou o Cordeiro, "Eu nunca comi grama." Novamente disse o Lobo, "o senhor bebeu do meu poço." "Não," exclamou o Cordeiro, "Eu jamais bebi água; por enquanto somente o leite de minha mãe serve-me tanto de comida como de bebida." Após o que o Lobo o agarrou e o devorou, dizendo "Bem! Eu jamais ficaria sem jantar, ainda que você tenha refutado todos os meus argumentos."

O tirano sempre encontrará um pretexto para sua crueldade.

O Morcego e as Doninhas

UM MORCEGO que descera até o chão e foi apanhado por uma Doninha suplicou que tivesse a vida poupada. A Doninha recusou, dizendo que ele era o inimigo natural de todos os pássaros. O Morcego assegurou-lhe que não era um pássaro, mas um rato, e, deste modo, foi posto em liberdade. Não demorou muito, o Morcego novamente desceu até o chão e foi novamente apanhado por outra Doninha, a quem ele rogou do mesmo modo para não ser devorado. A Doninha disse ter um ódio especial aos ratos. O Morcego assegurou-lhe que não

era um rato, mas um Morcego, e, deste modo, pela segunda vez escapou.

É prudente mudar as circunstâncias em nosso favor.

O Burro e o Gafanhoto

UM BURRO, tendo ouvido que alguns Gafanhotos cantarolavam, ficou grandemente impressionado; e, desejando possuir o mesmo dom, perguntou a eles qual era o alimento que lhes dava vozes tão maravilhosas. Eles replicaram "O orvalho." O Burro resolveu que viveria apenas do orvalho e em pouco tempo morreu de fome.

O Leão e o Rato

UM LEÃO foi despertado de seu sono por um rato que passou sobre seu rosto. Erguendo-se furiosamente, ele o apanhou e já estava a ponto de matá-lo quando o Rato suplicou-lhe misericórdia, dizendo "Se você poupar minha vida, eu poderei retribuir sua generosidade." O Leão riu e o deixou ir. Logo depois disso, aconteceu que o Leão foi capturado por alguns caçadores, que o amarraram com cordas. O Rato, reconhecendo seu rugido, roeu as cordas e o libertou, exclamando: "Você ridicularizou a minha promessa de ajudá-lo em retribuição ao favor que me foi feito; agora você sabe que é possível mesmo a um Rato prestar auxílio a um Leão."

O Carvoeiro e a Lavadeira

UM CARVOEIRO trabalhava na própria casa. Um dia ele encontrou uma Lavadeira, sua amiga, e suplicou-lhe que viesse morar com ele, dizendo que assim eles estariam ainda mais próximos e as despesas com a casa seriam minoradas. A Lavadeira replicou: "Tal

arranjo é impossível, pois qualquer coisa que eu limpar você imediatamente irá sujar com seu carvão”.

Cada um com seu semelhante

O Pai e Seus Filhos

UM PAI tinha filhos que viviam eternamente brigando. Quando desistiu de exortá-los a cessarem suas disputas, ele resolveu dar-lhes um exemplo prático dos males causados pela desunião; e para este propósito ele um dia lhes pediu que trouxessem um feixe de varas. Quando os filhos cumpriram a tarefa, ele entregou um feixe a cada um e ordenou que os quebrassem em pedaços. Eles tentaram com todas as forças e não conseguiram. Em seguida, ele abriu um feixe, apanhou as varas separadamente, uma por uma, e novamente as entregou a seus filhos, após o que foram quebradas facilmente. Então, dirigiu-se a eles com estas palavras: “Meus filhos, se tiverem um mesmo pensamento, e unirem-se para ajudar uns aos outros, vocês serão como este feixe, incólume apesar de todas as tentativas de seus inimigos; mas, se vocês se dividirem, serão quebrados tão facilmente quanto estas varas.”

O Garoto que caçava Gafanhotos

UM GAROTO estava caçando gafanhotos. Já havia apanhado um bom número quando viu um Escorpião e, confundindo-o, com um gafanhoto, levou a mão até ele. O Escorpião, exibindo o ferrão, disse: “Se você me tocar, meu amigo, perderá a mim e a todos os seus gafanhotos também!”

O Galo e a Jóia

UM GALO, ciscando em busca de comida para si e suas galinhas, encontrou uma pedra preciosa e exclamou: “Se teu dono tivesse te encontrado e não eu, ele teria te juntado e te devolvido a teu local de

origem; mas eu te encontrei para nenhum propósito. Eu preferia ter um grão de cevada a todas as jóias do mundo.”

O reino do Leão

OS ANIMAIS do campo e da floresta tinham um Leão como rei. Ele não era furioso, cruel ou tirânico, mas tão somente gentil, como deveria ser um rei. Durante seu reinado, ele proclamou uma assembléia geral de todos os pássaros e bestas, e determinou condições para uma liga universal, na qual o Lobo e o Cordeiro, a Pantera e o Cabrito, o Tigre, o Veado, o Cão e a Lebre deveriam viver juntos em perfeita paz e amizade. A Lebre disse “Oh, como eu esperei por este dia, no qual os fracos terão lugar com imunidade ao lado dos fortes.” E após a Lebre ter dito isso, ela teve de correr para salvar a pele.

O Lobo e a Garça

UM LOBO que tinha um osso entalado na garganta contratou uma Garça, por uma larga soma, para enfiar a cabeça em sua boca e retirar o osso. Quando a Garça extraiu o osso e exigiu o pagamento da promessa, o Lobo, gargalhando e rangendo os dentes, exclamou: “Por que, se você já foi suficientemente recompensada quando lhe permiti retirar a cabeça a salvo da boca de um lobo?”

Ao servir os maus, não espere recompensa e dê-se por agradecido se escapar ileso.

O Pescador flautista

UM PESCADOR hábil na música pegou a flauta e a rede e rumou para a praia. Sobre uma rocha proeminente, ele tocou várias melodias na esperança de que o peixe, atraído por sua música, viesse espontaneamente dançando até a sua rede, que havia sido colocada logo abaixo. Por fim, tendo tocado longamente em vão, ele pôs de lado a flauta e, arremessando a rede no mar, fez uma excelente pescaria.

Quando viu os peixes contorcendo-se na rede, ele disse: “Ó mais perversas das criaturas! quando eu toquei vocês não dançaram e, agora que já parei, vocês o fazem tão alegremente.”

Hércules e o Carroceiro

UM CARROCEIRO estava conduzindo uma carga ao longo de uma ruela quando as rodas afundaram num lamaçal. O rústico homem, surpreso e assustado, deteve-se a olhar a carroça e não fez outra coisa que não fosse rogar em altos brados para Hércules vir ajudá-lo. Hércules, dizem, apareceu e assim se dirigiu a ele: “Tente erguer a carroça, homem! Incite seus bois! Nunca mais peça que eu o ajude até que você tenha feito o melhor de si mesmo, caso contrário, de agora em diante, você irá me chamar em vão.”

A ajuda que se faz a si mesmo é a melhor ajuda.

As Formigas e o Gafanhoto

AS FORMIGAS estavam passando o dia de inverno secando os grãos coletados no verão. Um Gafanhoto, morrendo de fome, passou por ali e sofregamente implorou um pouco de comida. As formigas lhe perguntaram: “Por que você não guardou comida durante o verão?” Ele replicou: “não tive tempo. Passei os dias cantando” Então elas disseram com ironia: “Se você foi tolo o bastante para cantar todo o verão, deve ir dançando e sem almoço para a cama no inverno.”

O Viajante e Seu Cão

UM VIAJANTE prestes a iniciar jornada viu seu Cão a se coçar diante da porta. Severamente, Ele perguntou: “Por que você fica aí parado? Tudo está pronto, menos você. Venha comigo imediatamente.” O Cão, sacudindo a cauda, replicou: “Ó, mestre! Eu estou inteiramente pronto; é por você que eu estou esperando.”

O vagabundo geralmente reclama o atraso do seu mais diligente amigo.

O Cão e a Sombra

UM CÃO com um pedaço de carne na boca, atravessando uma ponte sobre um rio, viu a própria sombra na água e a tomou pela de outro cachorro com um pedaço de carne duas vezes maior que a sua. Ele imediatamente largou seu pedaço e atacou ferozmente o outro Cão para arrancar a carne que este trazia. Deste modo, ele perdeu as duas: a que imaginava estar na água, posto fosse apenas uma sombra; e a sua própria, porque o rio a levou.

A Toupeira e Sua Mãe

UMA TOUPEIRA, criatura cega de nascimento, uma vez disse à sua Mãe: “Eu tenho certeza de que posso ver, Mãe!” No desejo de provar-lhe o erro, sua Mãe colocou-o diante de uns poucos grãos de incenso e perguntou “O que é isto?” A jovem Toupeira disse “São seixos.” Sua Mãe exclamou: “Meu filho, temo que você não seja apenas cego, mas também que tenha perdido o olfato.”

O Vaqueiro e o Touro Perdido

UM VAQUEIRO que tomava conta de um rebanho na floresta, perdeu um Bezerro. Após longa e infrutífera busca, ele fez uma promessa de que, se encontrasse o ladrão que roubou o Bezerro, ofereceria um cordeiro em sacrificio a Hermes, Pan e às entidades guardiãs de floresta. Não muito depois, assim que subiu uma pequena elevação, ele viu, logo abaixo, um Leão devorando o Bezerro. Aterrorizado pela visão, ele ergueu os olhos para o céu e disse: “Ainda há pouco eu prometi oferecer um Cordeiro às entidades guardiãs da floresta se pudesse encontrar quem me roubou; mas agora que descobri

o ladrão, eu de bom grado adiciono um Touro adulto ao Bezerro que perdi se puder escapar em segurança daqui”.

A Lebre e a Tartaruga

UMA LEBRE certo dia ridicularizou os pequenos pés e os passos lentos da Tartaruga, que replicou rindo: “Apesar de você ser rápida como o vento, eu a venceria numa corrida.” A Lebre, acreditando ser aquela afirmação simplesmente impossível, aceitou a proposta; e concordaram que a Raposa escolheria o percurso e fixaria a chegada. No dia marcado para a corrida, os dois iniciaram juntos. A Tartaruga não parou em momento algum, seguindo com passos lentos, mas firmes, direto ao fim do percurso. A Lebre, descansando pelo caminho, sentiu-se logo sonolenta. Finalmente, ao acordar, e correndo tão rápido quanto pôde, ela viu que a Tartaruga havia completado a corrida e estava confortavelmente descansando após o esforço.

É devagar mas com firmeza que se vence a corrida.

A Romãzeira, a Macieira e o Arbusto

A ROMÃZEIRA e a macieira disputavam qual era a mais bela. Quando a discussão chegou ao auge, um arbusto da vizinhança intrometeu-se e, elevando a voz, disse em tom irônico: “Peço-lhes, meus caros amigos, que pelo menos em minha presença cessem tão vãs disputas.”

O Fazendeiro e a Cegonha

UM FAZENDEIRO dispôs redes ao longo de sua lavoura recém-semeada e apanhou um grande número de Garças que tinham aparecido para roubar as sementes. Junto com elas, apanhou também uma Cegonha que fraturou a pata na rede e suplicou ardentemente ao

fazendeiro para que lhe poupasse a vida. “Rogo-lhe que me salve, mestre,” ela disse “e me deixe sair daqui. Minha pata quebrada deveria provocar a sua piedade. Além disso, eu não sou uma Garça, sou uma Cegonha, uma ave de excelente caráter; e veja como eu amo e sirvo a meu pai e minha mãe. Observe também minhas penas - elas não são tão escassas como em uma Garça.” O fazendeiro riu alto e disse “Pode até ser como você diz, mas eu sei apenas isto: apanhei você com os ladrões, as Garças, e você deve morrer em sua companhia.”

Aves do mesmo gênero andam sempre juntas.

O Fazendeiro e a Cobra

NO INVERNO um Fazendeiro encontrou uma Cobra congelada de frio. Ele se compadeceu dela e, apanhando-a, colocou-a junto ao peito. A Cobra reviveu rapidamente devido ao calor e, readquirindo seus instintos naturais, mordeu seu benfeitor, infligindo-lhe uma ferida mortal. “Oh”, lamentou o Fazendeiro, em seu último suspiro, “Assim fui recompensado por ajudar um canalha.”

A maior das gentilezas não irá comover um mal-agrado.

O Cervo e Sua Mãe

UM JOVEM CERVO uma vez disse à sua Mãe: “você é maior do que um cão, mais rápida e mais habituada a correr; além disso, você tem chifres para se defender; por que então, Ó Mãe! Os sabujos a assustam tanto?” Ela sorriu e disse: “Eu sei muito bem, meu filho, que tudo o que você diz é verdade. Eu tenho todas as vantagens que você mencionou, mas quando ouço o latido de um simples cachorro eu me sinto prestes a desmaiar e saio correndo o mais depressa que posso.”

Nenhum argumento dará coragem a um covarde.

O Urso e a Raposa

UM URSO gabava-se em excesso de sua filantropia, dizendo que, de todos os animais, era o mais respeitoso na sua relação com o homem, e nutria tanto zelo por ele que jamais tocava no corpo de um homem morto. Uma raposa, ouvindo estas palavras, abriu um sorriso e disse ao Urso: “Oh! Mas você deveria comer os mortos e não os vivos.”

A Andorinha e o Corvo

A ANDORINHA e o Corvo tinham uma contenda sobre suas plumagens. O Corvo pôs um fim à disputa ao dizer: “Suas penas são muito boas na primavera, mas as minhas me protegem contra o inverno.”

Amigos ocasionais não têm grande valia.

O Parto da Montanha

UMA MONTANHA, certa vez, estava bastante agitada. Grandes gemidos e abalos eram ouvidos e as pessoas vinham de todas as partes para ver o que estava acontecendo. Enquanto elas estavam reunidas na ansiosa expectativa de uma calamidade, o que veio à luz foi um Rato.

Não faça muito barulho por nada.

O Burro, a Raposa e o Leão

O BURRO e a Raposa, tendo feito um acordo de proteção mútua, foram até a floresta em busca de comida. Não haviam avançado muito quando encontraram um Leão. A Raposa, vendo o perigo iminente, aproximou-se do Leão e prometeu ajudá-lo a capturar o Burro desde que o Leão empenhasse a palavra de que não faria mal à Raposa. Então, depois de assegurar que o Burro não seria ferido, a Raposa levou-o a um profundo buraco e arranjou para que ele caísse lá dentro. O Leão, vendo que o Burro estava garantido, imediatamente devorou a Raposa e atacou o Burro numa hora de folga.

A Tartaruga e a Águia

A TARTARUGA preguiçosamente aquecia-se ao sol, queixando-se às aves da sua triste sorte, pois nenhuma delas a ensinava a voar. Uma Águia que pairava próximo ouviu seus queixumes e perguntou que recompensa receberia se a levasse às alturas e pairasse com ela no ar. “Eu darei a você”, disse ela, “todas as riquezas do Mar vermelho.” “Eu a ensinarei a voar, então”, disse a Águia e, apanhando-a com suas garras, carregou-a quase até as nuvens; repentinamente largou-a e ela caiu em uma elevada montanha, o que deixou seu casco em pedaços. A tartaruga exclamou no momento da morte: “Mereci o que me aconteceu; o que tinha que se meter com asas e nuvens quem se move com tanta dificuldade sobre a terra?”

Se os homens tivessem tudo o que desejam, muitos chegariam à ruína.

As Moscas e o Pote de Mel

UMA NUVEM de Moscas foi atraída por um pote de mel que havia sido derrubado no quarto da governanta e, pousando as patas sobre o mel, alimentaram-se gulosamente. Entretanto, ficaram tão lambuzadas de mel que não podiam usar as asas nem auxiliar umas às outras e se sufocaram. Enquanto pereciam, disseram: “Ó tolas criaturas que somos! Por um simples prazer, destruímos a nós mesmas.”

O prazer acompanhado da dor machuca.

O Homem e o Leão

UM HOMEM e um Leão viajavam juntos pela floresta. Logo começaram a se gabar de que eram superiores um ao outro em força e valentia. Enquanto discutiam, passaram por uma escultura em pedra que representava “um Leão estrangulado por um Homem.” O viajante apontou para ela e disse: “Veja isso! Como somos fortes e nos prevalecemos sobre o rei dos animais.” O Leão replicou: “Esta estátua

foi feita por um homem. Se nós, Leões, soubéssemos erigir estátuas, você veriam um homem colocado sob a pata de um leão.”

Uma estória é boa somente até que outra é contada.

O Fazendeiro e as Garças

ALGUMAS GARÇAS passaram a buscar alimento em certos campos de trigo. Por um longo tempo, o Fazendeiro, brandindo uma funda vazia, logrou espantá-las dali devido ao terror que lhes inspirava; mas quando as aves descobriram que a funda estava vazia e apenas girava no ar, elas deixaram de lhe dar importância e não mais se moviam de onde estavam. O fazendeiro, percebendo isso, carregou a funda com pedras e matou um grande número de aves. As restantes abandonaram os campos gritando umas às outras: “É hora de irmos embora, pois este homem não se contenta mais em nos assustar e começa agora a mostrar do que é capaz.”

Se palavras não bastarem, devem ser seguidas de pancadas.

O Cão na Manjedoura

UM CÃO descansava em uma manjedoura e, à força de rosnados e mordidas, impedia que o gado se alimentasse do feno existente sobre ela. “Que Cão egoísta!” disse um boi aos companheiros; “ele não come o feno e nem deixa que os outros comam.”

A Raposa e o Bode

UMA RAPOSA certo dia caiu em um profundo poço e não encontrou meios de escapar. Um Bode, vencido pela sede, chegou até o mesmo poço e, vendo a raposa, inquiriu se a água era boa. Disfarçando sua triste situação em algo alegre e divertido, a Raposa fez os maiores elogios à água, afirmando que ela era boa além da conta e o encorajou a descer. O Bode, preocupado apenas com sua sede, de modo impensado atirou-se no poço e, enquanto bebia, a Raposa o informou da dificuldade em que eles estavam e sugeriu um plano para a fuga de

ambos. “Se”, disse ela, “você apoiar as patas traseiras na parede e erguer a cabeça, subo em suas costas e escapo, prestando-lhe auxílio em seguida.” O Bode prontamente concordou e a Raposa saltou sobre suas costas. Firmando-se com segurança nos chifres do bode, ela alcançou a saída do poço em segurança e saiu o mais rápido que pôde. Quando o Bode a recriminou por quebrar a promessa, ela voltou-se e gritou: “Meu velho e tolo amigo! Se você tivesse tantos cérebros na cabeça como tem pêlos na barbicha, nunca teria pulado aí sem verificar se a volta seria possível e não ficaria exposto a perigos que não dão chance de fuga.”

Olhe antes de saltar.

O Urso e os Dois Viajantes

DOIS HOMENS viajavam juntos quando um Urso subitamente apareceu no caminho. Um deles escalou rapidamente uma árvore e escondeu-se em meio aos galhos. O outro, vendo que seria atacado, deixou-se cair no chão e quando o Urso se aproximou e o farejou, percorrendo-lhe o corpo todo com o focinho, prendeu a respiração, fingindo-se de morto o melhor possível. O Urso logo o deixou, pois, como se sabe, não toca um homem morto. Assim que o Urso se foi, o outro Viajante desceu da árvore e jocosamente perguntou ao amigo o que o Urso lhe havia sussurrado no ouvido. “Ele me deu um aviso”, o companheiro replicou. “Nunca viaje com um amigo que o abandona à aproximação do perigo.”

O Infortúnio testa a sinceridade dos amigos.

Os Bois e os Eixos da Carroça

UMA PESADA CARROÇA era puxada ao longo de uma estrada por um grupo de Bois. Os eixos da carroça gemiam e tremiam horrivelmente; ao que os Bois, voltando-se, assim se dirigiram às rodas:

“Vocês aí! Por que fazem tanto barulho? Nós fazemos todo o trabalho e nós, portanto, é que deveríamos estar gemendo.”

Os que mais sofrem são os que menos se queixam.

O Pombo sedento

UM POMBO, oprimido pela sede excessiva, viu uma taça de água desenhada em uma tabuleta. Sem supor que fosse apenas uma pintura, ele voou para ela com grande bater de asas e, desconhecendo estar indo de encontro a uma tabuleta, chocou-se violentamente. Tendo quebrado as asas com a pancada, ele caiu no chão e foi apanhado por um circunstante.

O zelo não deve ser maior do que a discrição.

O Corvo e o Cisne

UM CORVO viu um Cisne e desejou ter para si a mesma bela plumagem. Supondo que a esplêndida cor branca do Cisne fosse produto do intenso contato com a água na qual este nadava, o Corvo deixou as alturas da vizinhança, onde levava a vida, e tomou por residência os lagos e as poças. Contudo, por mais que limpasse as penas, não conseguia mudar-lhes as cores. Até que, pela falta de comida, pereceu.

A mudança de hábito não pode alterar a Natureza.

O Bode e o Pastor

UM PASTOR buscava recuperar um Bode que se perdera do rebanho. Ele assobiou e tocou sua trombeta em vão; o extraviado não prestava atenção aos apelos. Finalmente o Pastor atirou uma pedra e, quebrando-lhe o chifre, implorou ao Bode que não contasse nada a seu mestre. O Bode respondeu: “Mas acontece, meu tolo amigo, que o chifre irá falar, ainda que eu fique calado.”

Não tente esconder coisas que não podem ser ocultadas.

O Avarento

UM AVARENTO vendeu tudo o que tinha e comprou uma barra de ouro, a qual ele enterrou em um buraco no chão, ao lado de um velho muro, e até ali ia todos os dias. Um de seus trabalhadores notou suas freqüentes visitas ao local e decidiu vigiar seus movimentos. Ele logo descobriu o segredo do tesouro escondido, e cavando, chegou até a barra de ouro e a roubou. O Avarento, na visita seguinte, encontrou o buraco vazio e começou a arrancar os cabelos e soltar grandes lamentações. Um vizinho, vendo-o entregue ao sofrimento e inteirado-se do que se passara, disse: “Rogo-lhe que não sofra tanto; apanhe uma pedra, coloque-a no buraco e imagine que o ouro continua no mesmo lugar. Será exatamente a mesma coisa; pois quando o ouro ainda estava lá, era como se você não o tivesse, pois não dava nenhum uso a ele.”

O Leão Doente

UM LEÃO, incapaz pela idade avançada e pelas enfermidades de prover alimento a si mesmo pela força, resolveu fazê-lo por meio de um artifício. Ele retornou à sua caverna e, deitando-se, fingiu-se doente, cuidando para que sua moléstia fosse amplamente divulgada. Os animais expressaram tristeza e iam um a um a sua caverna, onde o Leão os devorava. Depois que muitos animais haviam desaparecido, a Raposa descobriu o truque e, apresentando-se ao Leão, permaneceu do lado de fora da caverna, em respeitosa distância, e perguntou como ele estava. “Estou passando razoavelmente”, replicou o Leão “mas por que você fica aí fora? Rogo-lhe que entre para falar comigo.” “Não, obrigado”, disse a raposa. “Eu noto que há muitas pegadas entrando em sua caverna, mas não vejo nenhuma saindo.”

Sábio é aquele que está prevenido dos azares alheios.

O Cavalo e seu Tratador

UM TRATADOR DE CAVALOS costumava passar dias inteiros escovando e esfregando seu Cavalo, mas ao mesmo tempo roubava-lhe a aveia, vendendo-a em proveito próprio. “Oral”, disse o Cavalo, “se você realmente deseja que eu esteja em boas condições, deveria me escovar menos e me alimentar mais.”

O Burro e o Cãozinho Maltês

UM HOMEM tinha um Burro e um Cão Maltês de grande beleza. O Burro vivia em um estábulo cheio de aveia e feno. O cão Maltês conhecia muitos truques e era o grande favorito do seu mestre, o qual freqüentemente o acarinhava e raramente vinha do jantar sem lhe trazer alguma guloseima. O Burro, ao contrário, tinha muito trabalho amassando grãos no moinho e carregando madeira de floresta e outras cargas para a fazenda. Ele freqüentemente se lamentava de sua triste vida e a comparava com a fartura e a ociosidade do Cãozinho Maltês. Até que finalmente um dia ele quebrou corda e cabresto e galopou até a casa de seu mestre, erguendo-se nas patas traseiras avoadamente, saltitando e bajulando seu dono tão bem quanto podia. Em seguida, tentou saltar sobre o mestre, do mesmo jeito que fazia o Cão Maltês, mas quebrou a mesa e fez os pratos em pedaços. O Burro, então, tentou lambe seu mestre, e saltou-lhe sobre as costas. Os servos, ouvindo a estranha algazarra e percebendo o perigo que corria seu senhor, rapidamente o socorreram e conduziram o Burro até o estábulo a base de chutes, cacetadas e murros. O Burro, logo que retornou ao coche, quase morto de pancada, assim se lamentou: “Sou culpado por tudo o que aconteceu! Por que não me contentei em trabalhar com meus companheiros ao invés de querer ficar ocioso todo o dia como aquele imprestável Cãozinho Maltês?”

A Leoa

UMA CONTROVÉRSIA sobre quem produzia a maior ninhada grassava entre os animais do campo. Ante a presença da Leoa, eles se apressaram em correr ruidosamente até ela e solicitaram-lhe que

entrasse na disputa. “E você”, eles disseram, “quantos filhotes tem a cada ninhada?” A Leoa riu deles e disse: “Bem! Eu tenho apenas um; mas é um completo e rematado Leão.”

O valor está na importância, não na quantidade.

O Viajante Fanfarrão

UM HOMEM que viajara por terras estrangeiras, ao retornar ao seu torrão natal, gabava-se bastante de muitos feitos maravilhosos e heróicos que realizou nos diferentes lugares que havia visitado. Entre outras coisas, ele disse que quando esteve em Rodes saltara tão grande distância que nenhum homem no mundo poderia realizar algo parecido; muitas pessoas em Rodes o haviam visto fazer tal coisa e serviriam de testemunhas. Um dos circunstantes interrompeu-o dizendo: “Agora, meu bom homem, se é tudo verdade, não há necessidade de testemunhas. Suponha que está em Rodes e salte para nós.”

O Gato e o Galo

UM GATO apanhou um Galo e imaginou se poderia encontrar uma desculpa razoável para comê-lo. Acusou-o de ser uma chateação para os homens por cantar à noite e não permitir que eles durmam. O Galo defendeu-se dizendo que fazia isso em benefício dos homens, para que eles pudessem acordar na hora do trabalho. O Gato replicou: “Apesar de você usar argumentos bastante corretos, eu não ficarei sem meu almoço”; e o devorou.

O Porco, o Carneiro e o Bode

UM JOVEM PORCO estava preso num curral na companhia de um Bode e de um Carneiro. Certa ocasião, quando o pastor pôs as mãos nele, o Porco grunhiu, guinchou e resistiu bravamente. O Carneiro e o Bode reclamaram de seu choro aflito dizendo: “Ele freqüentemente toca em nós e não nos desesperamos.” Ao que o Porco replicou: “O

tratamento dado a vocês é muito diferente do meu. Ele só vai até vocês para tirar lã ou leite, mas quando me procura, é para me tirar a vida.”

O Menino e as Nozes

UM MENINO pôs a mão em um pote cheio de nozes. Ele agarrou tantas quanto possível, mas quando tentou retirar a mão, foi impedido pela boca do pote. Sem a menor vontade de perder suas nozes e sem conseguir soltar a mão, ele explodiu em lágrimas e amargamente lamentou seu desapontamento. Um circunstante disse a ele: “Satisfaça-se com a metade e prontamente você retirará sua mão.”

Não tente tudo de uma vez.

O Leão apaixonado

UM LEÃO pediu a filha de um lenhador em casamento. O Pai, contrário à idéia, mas temeroso de recusar o pedido, imaginou o seguinte expediente para livrar-se do importuno: expressou sua concordância em aceitar o Leão como pretendente de sua filha com uma condição - que este deveria extrair os dentes e as garras, uma vez que sua filha tinha medo de ambas. O Leão alegremente aceitou a proposta. Mas quando o Leão, sem garras e desdentado, apareceu para repetir seu pedido, o Lenhador, já sem medo dele, desceu sua clava sobre o animal e o perseguiu floresta adentro.

O Lavrador e a Cobra

UMA COBRA, tendo feito sua toca próximo à entrada de uma choupana, infligiu uma ferida mortal ao filho do Lavrador. Pesaroso com a perda, o Pai resolveu matar a Cobra. No dia seguinte, quando ela saiu da toca em busca de comida, ele apanhou o machado, mas como a Cobra se movesse muito rápido, ele errou sua cabeça, cortando-lhe apenas a ponta do rabo. Depois de algum tempo, o Lavrador, temendo que a Cobra pudesse mordê-lo também, esforçou-se em promover a

paz e depositou um pouco de pão e sal na entrada da toca. A Cobra, sibilando baixinho, disse: “Doravante não pode haver paz entre nós; pois sempre que eu o vir, lembrarei da perda de meu rabo e sempre que você me vir, estará pensando na morte de seu filho.”

Ninguém realmente esquece os sofrimentos na presença de quem os causou.

O Lobo em Pele de Cordeiro

ERA UMA VEZ um Lobo que resolveu disfarçar-se com a finalidade de obter comida mais facilmente. Metido em uma pele de cordeiro, ele pastou com o rebanho, ludibriando perfeitamente o pastor com suas vestes. À noitinha ele foi trancado num curral; o portão estava fechado e a entrada fora feita em segurança. Mas o pastor, retornando ao curral durante a noite visando obter carne para o dia seguinte, equivocadamente apanhou o Lobo ao invés de um Carneiro e o matou instantaneamente.

Quem procura a desgraça acaba por encontrá-la.

O Burro e a Mula

UM TROPEIRO iniciou jornada, levando consigo um Burro e uma Mula, ambos cheios de carga. O Burro, enquanto esteve em terreno plano, transportou sua carga com facilidade, mas quando começou a subir o caminho escarpado da montanha, sentiu sua carga pesada demais para suportar. Suplicou à sua companheira que o ajudasse, carregando uma pequena porção, enquanto ele transportaria o restante; mas a Mula não deu atenção ao pedido. O Burro, logo depois, caiu morto sob o peso de sua carga. Não sabendo mais o que fazer em região tão deserta, o tropeiro colocou sobre a Mula a carga levada pelo Burro em adição à da própria Mula e, em cima de tudo, acrescentou o couro do Burro. A Mula, gemendo sob a pesada carga, disse a si mesma: “Eu sou tratada como mereço. Se tivesse sido generosa em ajudar um pouco o Burro, eu não estaria agora sofrendo, carregando a sua carga e ele próprio.”

Os Sapos que desejavam um Rei

OS SAPOS, que sofriam por não ter um rei, mandaram embaixadores a Júpiter implorando por um Governante. Percebendo sua simplicidade, o deus atirou um imenso tronco no lago. Os Sapos ficaram apavorados com o estrondo e esconderam-se no fundo do lago. Mas tão logo perceberam que o tronco não era animado, eles retornaram à superfície e, dissipando o medo, em desobediência, passaram a contestar a autoridade do tronco. Após o que eles começaram a se achar ludibriados na escolha de Governante tão inerte e mandaram uma outra delegação até Júpiter para rogar-lhe que mandasse outro soberano. Ele, então, deu-lhes uma Enguia para governá-los. Quando eles descobriram a natureza benévola e pacata da Enguia, foram pela terceira vez a Júpiter implorar-lhe que mandasse um outro Rei. Júpiter, aborrecido com tantas reclamações, mandou uma Garça, que diariamente atacava os Sapos, até que não restou mais nenhum para coaxar no lago.

Os Meninos e os Sapos

ALGUNS MENINOS, brincando próximo a uma lago, viram uma multidão de Sapos na água e começaram a abatê-los com pedradas. Já haviam matado vários deles, quando um dos Sapos, erguendo a cabeça para fora da água, gritou: “Peço-lhes que parem, meus jovens: o que é divertido para vocês é mortal para nós.”

O Cervo Doente

UM CERVO DOENTE jazia em um canto tranqüilo do pasto. Seus companheiros vieram em grande número para inquiri-lo de sua saúde, mas no entanto, dividiam entre si a comida que havia sido deixada para uso dele; então o Cervo morreu, não de sua doença, mas da falta de meios de sobrevivência

Más companhias trazem mais dor que benefício.

O Mercador de Sal e seu Burro

UM VENDEDOR conduzia seu Burro até a praia para comprar sal. Na volta, o caminho para casa cruzava um riacho, no qual o Burro, dando um passo em falso, caiu por acidente e, ao erguer-se novamente, sentiu sua carga consideravelmente mais leve conforme a água escorria da mochila. O vendedor refez os passos e encheu as mochilas com quantidade de sal ainda maior do que antes. Quando chegou até o riacho, o Burro caiu de propósito no mesmo lugar e, ao levantar-se e perceber como o peso da carga diminuía, zurrou triunfalmente, pois havia obtido o que desejava. O vendedor descobriu o truque e levou-o pela terceira vez à praia, onde comprou uma carga de esponjas ao invés de sal. O Burro, novamente bancando o bobo, caiu propositalmente quando atingiu o riacho, mas as esponjas incharam com a água e aumentaram grandemente seu peso. Assim, sua artimanha acabou por prejudicá-lo, uma vez que ele agora carregava nas costas o dobro do peso.

Os Bois e os Açougueiros

OS BOIS, certa vez, resolveram destruir os Açougueiros, que praticavam um comércio destrutivo à raça bovina. Reuniram-se um dia para realizar esse propósito, e afiaram os chifres para o combate. Mas um deles, que era bastante velho (pois já havia arado muitos campos), assim falou: “Esses açougueiros, é verdade que nos assassinam, mas eles o fazem com habilidade, e sem dor desnecessária. Se nós nos livrarmos deles, cairemos nas mãos de indivíduos despreparados, e assim sofreremos o dobro na morte, pois eu lhes asseguro: ainda que pereçam todos os Açougueiros, os homens ainda gostarão de bife.”

Não se apresse em trocar uma desgraça por outra.

O Leão, o Rato e a Raposa

UM LEÃO, fatigado pelo calor do verão, caiu no sono em seu covil. Um Rato passou correndo sobre sua juba e orelhas, despertando-o do cochilo. Ele acordou de um pulo e sacudiu a si mesmo com grande fúria, depois saiu procurando pelo rato em cada canto de sua caverna. Ao vê-lo, uma Raposa disse: “Que belo Leão você é para ficar assustado com um Rato.” “Não é ao Rato que eu temo”, disse o Leão; “Mas sim ao seu contato e à sua má origem.”

As menores liberdades são as maiores ofensas.

A Gralha Vaidosa

JÚPITER DETERMINOU, segundo se conta, criar um soberano para as aves e proclamou que num determinado dia elas deveriam apresentar diante do deus, quando então ele escolheria a mais bela para reinar. A Gralha, sabedora de sua feiúra, procurou pelas florestas, pelos campos, coletando muitas penas que haviam caído das asas de suas colegas e enfeitou o corpo com elas, esperando assim fazer-se a mais bela de todas. Quando o dia anunciado chegou e as aves reuniram-se diante de Júpiter, a Gralha também se fez presente com muitas penas lindamente coloridas. Mas quando Júpiter propôs fazer dela o rei devido à beleza de sua plumagem, as aves protestaram indignadamente, cada uma pegou de volta as próprias penas, e a Gralha voltou a ser nada mais que uma gralha.

O Cabreiro e as Cabras Selvagens

UM CABREIRO, que à noite conduzia seu rebanho ao pasto, encontrou algumas cabras selvagens misturadas às suas, e manteve-as juntas por toda a noite. No dia seguinte nevou tanto que ele não pôde levar o rebanho para os lugares habituais, sendo obrigado a mantê-lo no curral. Deu às cabras que eram suas comida suficiente apenas para mantê-las vivas, mas alimentou as estrangeiras com abundância, na esperança de seduzi-las para que se integrassem ao rebanho. Quando o degelo chegou, o cabreiro levou o rebanho para fora, a fim de que se

alimentasse, e as Cabras Selvagens fugiram em desabalada correria para as montanhas. O Cabreiro as censurou pela ingratidão de o haverem deixado, após ter sido tão cuidadoso com elas no inverno, até mais do que com seu próprio rebanho. Uma delas voltou-se e disse a ele: “É essa a razão pela qual somos tão cautelosas; pois se ontem você nos tratou melhor do que as Cabras que estão com você há tanto tempo, está claro que se outras viessem depois de nós, você do mesmo modo daria mais atenção a elas do que a nós.”

Velhos amigos não podem ser sacrificados por novos impunemente.

O Cão Perverso

UM CÃO estava acostumado a seguir silenciosamente as pessoas que encontrava e mordê-las sem avisar. Seu dono pendurou-lhe uma sineta no pescoço para alertar sobre a presença do animal onde quer que este fosse. Pensando que aquilo fosse uma distinção, o Cão ficou orgulhoso da sineta e saiu tilintando por todo o Mercado. Um dia um velho sabujo disse a ele: “Por que você faz tal exibição de si mesmo? A sineta que você carrega não é, acredite, nenhuma ordem de mérito, mas, ao contrário, é um símbolo de desgraça, um aviso público aos homens de que você é um Cão de péssimas maneiras.”

A notoriedade freqüentemente é confundida com a fama.

A Raposa que havia perdido a Cauda

UMA RAPOSA apanhada numa armadilha conseguiu escapar, mas com a perda do rabo. Entretanto, percebendo o vexame e o ridículo ao qual estaria exposta, planejou convencer todas as outras Raposas de que não ter rabo era muito mais charmoso, e desse modo ela disfarçaria seu defeito. Ela reuniu um grande número de Raposas e publicamente as aconselhou a cortar os rabos, dizendo que elas não só ficariam melhores sem eles, mas que também se livrariam de um peso inútil, que

era um grande inconveniente. Uma delas a interrompeu dizendo: “Se você não tivesse perdido o próprio rabo, minha amiga, não estaria nos dando tais conselhos.”

O Menino e a Urtiga

UM MENINO foi ferido por uma Urtiga. Ele correu para casa e disse à sua Mãe: “Apesar de ter me machucado muito, eu a toquei com delicadeza.” “Foi justamente por isso que se feriu”, disse sua Mãe. “Da próxima vez que tocar numa Urtiga, agarre-a com força, que ela será suave e macia à sua mão e não o machucará mais.”

Seja lá o que fizer, faça-o com denodo.

O Homem com duas Namoradas

UM HOMEM DE MEIA-IDADE, cujos cabelos começavam a ficar grisalhos, cortejava duas mulheres ao mesmo tempo. Uma delas era jovem e a outra já bem entrada em anos. A velha, envergonhada de namorar um homem mais jovem que ela, resolveu que a cada visita do admirador, arrancaria dele alguns cabelos pretos. A mulher jovem, ao contrário, não desejando tornar-se esposa de um velho, era igualmente zelosa ao remover cada cabelo branco que encontrasse. Desse modo procediam as duas e o homem logo se deu conta de que não tinha mais um só fio de cabelo na cabeça.

Aqueles que procuram agradar a todos não agradam a ninguém.

O Astrônomo

UM ASTRÔNOMO costumava sair à noite para observar as estrelas. Certa vez, como ele caminhasse pelos subúrbios com a atenção fixa no céu, caiu por acidente em um profundo poço. Enquanto ele lamentava suas dores e escoriações e gritava pedindo ajuda, um vizinho correu até o poço; o vizinho, inteirando-se do que acontecera, disse: “Ouça, velho amigo, por que ao invés de imiscuir-se nas coisas do Céu você não se preocupa com os assuntos terrenos?”

Os Lobos e Os Cordeiros

“POR QUE tem de haver tanto medo e morticínio entre nós?”, disseram os Lobos aos Cordeiros. “Esses cães mal-humorados são os culpados disso. Eles sempre latem quando nos aproximamos de vocês e nos atacam sem que tenhamos feito nada. Se vocês os dispensassem, então em breve seriam feitas tratativas de paz e de reconciliação entre nós.” Os Cordeiros, pobres e ingênuas criaturas, foram facilmente seduzidas e despediram os Cães, após o que os Lobos, a seu bel-prazer, exterminaram o rebanho desprotegido.

A Velha e o Médico

UMA VELHA, tendo perdido o uso dos olhos, chamou um Médico para curá-la e fez um acordo com ele na presença de testemunhas: se ele a curasse da cegueira, receberia uma soma em dinheiro; mas se a enfermidade permanecesse, não ganharia nada. Fechado o pacto, o Médico, dia após dia empenhou-se em salvar os olhos da paciente e, a cada visita, levava algo, roubando todos os pertences da velha pouco a pouco. E quando já havia retirado tudo o que ela possuía, ele a curou e exigiu o pagamento da promessa. A Velha, ao recobrar a visão e não ver nenhum dos seus bens em casa, não pôde dar-lhe nada. O Médico insistiu com sua reivindicação e, como a Velha se recusasse a pagar, levou-a até o Juiz. A Velha, de pé na Corte, argumentou: “Este homem fala a verdade; eu prometi dar-lhe uma quantia em dinheiro se recuperasse a visão: mas se eu continuasse cega, não lhe daria nada. Agora ele declara que eu estou curada. Eu, pelo contrário, afirmo que ainda estou cega, pois quando perdi o uso dos olhos eu tinha em minha casa vários móveis e bens preciosos: mas agora, apesar de ele jurar que estou curada da cegueira, eu não consigo ver nada do que tinha antes.”

Os Galos de Briga e a Águia

DOIS GALOS DE BRIGA lutavam ferozmente pela primazia do galinheiro. Um deles, por fim, colocou o outro em fuga. O derrotado refugiou-se num canto escondido, enquanto o vencedor, subindo em um muro alto, batia as asas e cacarejava, exultante com o seu triunfo. Uma Águia apareceu e o agarrou, levando-o embora. O Galo derrotado imediatamente saiu de seu canto e reinou dali em diante, sem concorrentes.

O orgulho vai à frente da destruição.

O Cavalo de Batalha e o Moleiro

UM CAVALO DE BATALHA que já sentia o peso da idade, foi enviado para trabalhar num moinho ao invés de ir para a guerra. Mas quando foi obrigado a trabalhar duro em lugar de servir na guerra, ele lamentou a mudança da Fortuna e recordou-se de seu estado anterior dizendo: “Ah! Moleiro, antigamente eu era enfeitado da cabeça aos pés e tinha o pêlo tratado; agora eu não consigo entender o que me aconteceu para ter sido mandado a um moinho e não à guerra.” “Abstenha-se”, disse o Moleiro, “de celebrar o passado porque os mortais comuns devem suportar os altos e baixos do destino.”

A Raposa e o Macaco

UM MACACO certa vez dançou em uma assembléia de animais e tanto os agradou com sua atuação que eles o elegeram Rei. Uma Raposa, invejando tal honra, descobriu um pedaço de carne em uma armadilha e, levando o Macaco ao lugar, disse que havia encontrado um armazém, mas como não tinha uso para ele, este seria dado de presente ao seu reino, e aconselhou-o a entrar. O Macaco aproximou-se descuidadamente e foi apanhado na armadilha; e, ao acusar a Raposa de tê-lo levado de propósito até a cilada, a Raposa respondeu: “Ó Macaco, alguém de mente tão brilhante como você quer ser Rei dos Animais?”

O Cavalo e seu Cavaleiro

UM SOLDADO sofreu as maiores agruras com seu cavalo durante uma guerra. Enquanto durou o conflito, ele tratava o animal como seu fiel amigo em todas as emergências, alimentando-o carinhosamente com feno e cereais. Mas quando a guerra acabou, ele passou a alimentar o Cavalo de restos e o fez carregar pesadas cargas de madeira, sujeitando-o a um trabalho penoso e a maus-tratos. A guerra foi novamente proclamada, entretanto, e quando soaram as trombetas convocando o Soldado, este, coberto de pesadas vestimentas, tratou de revestir também o Cavalo com ornamentos militares, e a seguir o montou. O Cavalo desabou imediatamente sob o peso, muito maior que o das cargas de madeira, e disse ao seu dono: “Agora você terá que ir a pé para a guerra, pois transformou-me, de Cavalo que eu era, num Burro; e como você pode esperar que de uma hora para outra eu possa voltar a ser Cavalo?”

O Estômago e os Membros

OS MEMBROS do corpo rebelaram-se contra o Estômago e disseram: “Por que nós devemos perpetuamente satisfazer seus desejos, enquanto ele não faz nada que não seja descansar e desfrutar do luxo e da satisfação?” Os Membros levaram adiante tal resolução e recusaram-se a servir o estômago. O Corpo inteiro rapidamente tornou-se debilitado e as mãos, os pés, a boca e os olhos, quando já era muito tarde, arreponderam-se de sua estupidez.

A Videira e o Bode

UMA VIDEIRA, à época da colheita, estava abundante de folhas e uvas. Um Bode, passando por ali, mordiscou os jovens frutos e folhas. A Videira dirigiu-lhe as seguintes palavras: “Por que você me mutila sem motivo e arranca minhas folhas? Não há grama para você? Mas eu não terei de esperar muito tempo por minha justa vingança; pois se você devora minhas folhas e me destrói até a raiz, eu providenciarei o

vinho que será jogado sobre você quando estiver sendo oferecido em sacrifício.”

Júpiter e a Macaca

JÚPITER baixou um decreto a todos os animais da floresta e prometeu uma recompensa àquele que tivesse a prole mais bela. Uma Macaca veio junto com os demais e, com todo o carinho materno, apresentou um jovem macaquinho de nariz achatado, careca, de horrível aparência, como um candidato ao prêmio. Uma gargalhada geral saudou-a na apresentação de seu filho. Ela resolutamente disse: “Eu não sei se Júpiter destinará o prêmio ao meu filho, mas uma coisa eu posso garantir - ele é belo pelo menos para mim, sua mãe, que sou a mais querida, mais elegante e mais bela de todas as criaturas.”

A Viúva e suas Criadas

UMA VIÚVA admiradora da limpeza tinha duas criadas para servi-la. Ela tinha o hábito de acordá-las de manhã cedo, ao canto do galo. As Criadas, irritadas com o trabalho excessivo, resolveram matar o galo que despertava a patroa tão cedo. Ao fazerem isso, descobriram que haviam arranjado problemas ainda maiores, pois a patroa, sem ouvir mais as horas no cantar do galo, acordava-as para trabalhar no meio da noite.

O Menino e o Lobo

UM MENINO, que tomava conta de um rebanho de ovelhas próximo a uma vila, aos gritos de: “lobo! lobo!” fez os aldeões correrem até ele três ou quatro vezes e sempre que os vizinhos vinham ajudá-lo, ele ria de suas preocupações. O Lobo, entretanto, veio realmente um dia. O Menino, agora verdadeiramente alarmado, gritou em desespero: “Por favor, ajudem-me! O Lobo está matando as Ovelhas”; mas

ninguém prestou atenção aos seus apelos, nem deu qualquer assistência. O Lobo, sem o que temer, ao seu gosto, destruiu o rebanho inteiro.

Ninguém acredita num mentiroso, mesmo quando ele fala a verdade.

O Gato e os Pássaros

UM GATO, ouvindo que os Pássaros de um certo aviário estavam doentes, vestiu-se de médico e, apanhando uma bengala e uma sacola de instrumentos, atendeu aos seus apelos. Ele bateu à porta e perguntou a todos os moradores como estavam indo, dizendo que, se estivessem doentes, ele ficaria feliz de prescrever receitas e curá-los. Eles responderam: “Nós estamos todos muito bem e assim continuaremos se o senhor tiver a bondade de ir embora e nos deixar como estamos.”

O Garoto e o Lobo

UM GAROTO sobre o telhado de uma casa, livre de qualquer perigo, viu um Lobo passando às proximidades e imediatamente começou a zombar e provocar o animal. O Lobo, olhando para cima, disse: “Senhor! Eu te ouço: ainda que não sejas tu quem gracejes e sim o telhado nos qual te encontras.”

O Tempo e o lugar geralmente dão vantagem ao fraco sobre o forte.

O Boi e o Sapo

UM BOI, bebendo água de um lago, passou perto de alguns sapinhos e esmagou um deles, matando-o. Ao chegar, a mãe e sentir falta de um dos filhos, perguntou aos outros o que havia acontecido. “Ele está morto, querida Mãe, pois há pouco um grande animal de enormes pés veio até o lago e esmagou-o com seu casco.” A Mãe, inflando-se, inquiriu: “O animal era deste tamanho?” “Pare de inflar, Mãe”, disse seu filho, “e não se aborreça, pois, eu lhe asseguro, você logo irá estourar se continuar tentando igualar a enormidade daquele monstro.”

O Pastor e o Lobo

UM PASTOR certa vez encontrou um filhote de Lobo e levou-o consigo; após algum tempo, ensinou-o a roubar ovelhas dos rebanhos vizinhos. O Lobo, mostrando-se um excelente aluno, disse ao Pastor: “Uma vez que você me ensinou a roubar, precisa ficar de olhos atentos agora, ou vai perder algumas de suas próprias ovelhas.”

O Pai e Suas Duas Filhas

UM HOMEM tinha duas filhas; uma casou com um jardineiro, a outra com um oleiro. Depois de algum tempo, ele foi até a que havia casado com o jardineiro e perguntou-lhe como passava e se as coisas estavam indo bem. Ela disse: “Está tudo bem comigo; eu tenho apenas um desejo: que chova bastante para molhar as plantas.” Não muito depois, ele foi até a filha que casara com o oleiro e do mesmo modo a inquiriu como ela estava; ela replicou: “Eu não preciso de nada; tenho apenas um desejo: que a seca continue e o sol permaneça bem quente e brilhante para secar os tijolos.” Ele falou a ela: “Se sua irmã quer chuva e você tempo seco, a qual das duas eu vou dirigir meus desejos?”

O Fazendeiro e Seus Filhos

UM PAI, estando a beira da morte, desejou ter certeza de que seus filhos dariam a mesma atenção que ele à fazenda. Ele chamou-os até a beira da cama e disse: “Meus filhos, há um grande tesouro escondido nos meus vinhedos.” Os filhos, após sua morte, apanharam pás e picaretas e cuidadosamente esquadrinharam cada porção do terreno. Eles não encontraram tesouro algum, mas as vinhas recompensaram seu trabalho com uma extraordinária e abundante colheita.

O Caranguejo e sua Mãe

A MÃE-CARANGUEJO disse ao filho: “Por que você anda de lado, meu filho? É muito melhor andar para a frente.” O jovem caranguejo replicou: “É verdade, querida Mãe, e se você me mostrar como se anda para frente, eu prometo andar assim.” A Mãe tentou em vão e aceitou sem protestos a reprovação de seu filho.

O exemplo é mais poderoso que a ordem.

O Novilho e o Boi

UM NOVILHO viu um Boi trabalhar duro no arado e o atormentou com reflexões sobre sua infelicidade por ser obrigado a trabalhar. Tempos depois, no festival da colheita, seu dono libertou o boi do jugo, amarrou o Novilho e levou-o ao altar para ser sacrificado em agradecimento à ocasião. O Boi viu o que estava sendo feito e, com um sorriso, disse ao Novilho: “Por isso foi-lhe permitido viver na ociosidade: para que você fosse sacrificado agora.”

A Garça, a Serpente e a Corte de Justiça

UMA GARÇA, retornando do estrangeiro e especialmente habituada a conviver com os homens, construiu um ninho no muro de uma Corte de Justiça e lá criava sete filhotes. Uma Serpente, deslizando até o ninho, através de um buraco no muro, devorou todos os filhotes. A Garça, ao encontrar o ninho vazio, lamentou grandemente e exclamou: “Ai de mim por ser estrangeiro! Neste lugar, onde todos os direitos são protegidos, somente eu sofri injustiça.”

O Ladrão e Sua Mãe

UM MENINO roubou um livro de um de seus colegas e levou-o para a Mãe. Ela não apenas se absteve de lhe bater, como o encorajou.

Na próxima vez ele roubou um casaco e levou-o para ela, que novamente o elogiou. O Jovem, chegando à fase adulta, continuou a roubar coisas, e de valor ainda maior. Finalmente ele foi pego em flagrante e, mãos às costas, foi levado à praça de execução pública. Sua Mãe o seguiu, junto à multidão, e violentamente batia no peito em sinal de tristeza; foi então que o rapaz disse: “Eu desejaria dizer algo ao ouvido de minha Mãe.” Ela chegou perto dele, que rapidamente a mordeu na orelha, arrancando-lhe um pedaço. A Mãe o renegou como filho, ao que ele replicou: “Ah! Se você tivesse me batido quando roubei pela primeira vez e lhe trouxe aquele livro, eu não teria chegado a esse ponto, nem teria sido condenado à morte tão miserável.”

O Velho e a Morte

UM VELHO estava cortando lenha na floresta e, ao carregar os feixes para vender na cidade, estes tornaram-se muito pesados com a longa jornada. Ele sentou pelo caminho e, baixando a carga, suplicou à Morte que viesse. A Morte imediatamente apareceu em resposta aos seus rogos e perguntou para que ele a chamava. O Velho rapidamente respondeu: “Para que você levante a carga e a recoloque novamente sobre meus ombros.”

O Abeto e o Arbusto

UM ABETO gabava-se a um Arbusto: “Você não presta para nada, enquanto que eu em todos os lugares sou utilizado nos telhados das casas.” O Arbusto respondeu: “Pobre criatura, se você lembrasse dos machados e das serras que irão pô-la abaixo, teria todas as razões para desejar ser um Arbusto e não um Abeto.”

Melhor um pobre tranqüilo do que um rico preocupado..

O Rato, o Sapo e o Falcão

UM RATO que sempre vivera em terra, por infelicidade travou amizade com um Sapo, que viveu a maior parte da vida na água. Um dia, por brincadeira, o Sapo amarrou a pata do Rato à sua. Assim juntos, o Sapo levou-os à campina, onde eles estavam habituados a procurar comida. Depois disso, ele o levou à margem do lago onde vivia, de onde subitamente saltou, arrastando o Rato com ele. O Sapo adorava muito a água e, vindo à tona, gabou-se bastante, como se tivesse realizado um grande feito. O infeliz Rato acabou por se afogar e seu cadáver ficou boiando na superfície. Um falcão observava tudo e atacou, carregando o morto. O Sapo, ainda amarrado ao Rato, foi também levado como prisioneiro e devorado pelo Falcão.

Quem o mal pratica, o mal recebe.

O Homem mordido por um Cão

UM HOMEM que havia sido mordido por um Cão saiu à procura de alguém que pudesse curá-lo. Um amigo, encontrando-o e inteirando-se do que ele queria, disse: “Se você quiser ser curado, pegue um pedaço de pão, embeba-o no sangue do seu ferimento e depois dê-o ao cão que o mordeu.” O Homem que havia sido mordido riu do conselho e falou: “Por quê? Se eu fizer isso, será como pedir a cada Cão da cidade para me morder.”

Benefícios dados com más intenções só causam prejuízo.

Os Dois Potes

UM RIO carregou em sua correnteza dois Potes, um feito de cerâmica, o outro de latão. O Pote de cerâmica disse ao de latão: “Por favor, mantenha distância e não se aproxime de mim, pois se você me tocar, mesmo que mais levemente, eu me quebrarei em pedaços e, além disso, de forma alguma eu desejo chegar perto de você.”

A igualdade faz os melhores amigos.

O Lobo e o Cordeiro

UM LOBO, seriamente ferido e mordido por cães, jazia doente e mutilado em seu covil. Necessitado de comida, ele chamou um

Cordeiro que passava e pediu a ele que trouxesse um pouco de água de um rio próximo. “Pois”, disse ele, “se você me der de beber, eu encontrarei meios de me prover de carne.” “Sim”, disse o Cordeiro, “se eu lhe trazer a água, você certamente fará com que eu providencie a carne também.”

Discursos hipócritas são facilmente descobertos.

O Etíope

O COMPRADOR de um escravo negro estava convencido de que a cor de sua pele advinha da sujeira em que era obrigado a viver por seus antigos donos. Ao levá-lo para casa, utilizou-se de todos os meios para limpá-lo e sujeitou o escravo a incessantes escovações. O servo apanhou um sério resfriado, mas não mudou de cor nem de condição.

O que está nos ossos impregnará também a carne.

O Pescador e Sua Rede

UM PESCADOR, dedicado ao seu ofício, fez uma pescaria muito proveitosa e capturou uma grande quantidade de peixes. Ele conseguiu manejar habilmente a rede para apanhar todos os peixes grandes e arrancá-los do mar; mas não pôde evitar que os menores passassem pelos buracos da rede e caíssem de volta n'água.

O Caçador e o Pescador

UM CAÇADOR, voltando do campo com seus cães, encontrou-se por acaso com um Pescador que levava para casa uma cesta carregada de peixes. O Caçador desejou obter os peixes, e o Pescador ansiou também por ter o que o Caçador trazia. Eles rapidamente concordaram em trocar as provisões naquele dia. Ficaram tão satisfeitos com a barganha que a repetiram todos os dias por algum tempo. Finalmente um vizinho disse a eles: “Se vocês continuarem assim, logo se

aborrecerão dessa permuta tão freqüente e desejarão ter apenas os frutos de seu próprio trabalho.”

Abstém-te de alguma coisa e passarás a admirá-la.

A Velha e o Jarro de Vinho

UMA VELHA encontrou um Jarro vazio que havia estado anteriormente cheio de um bom vinho antigo, cujo agradável aroma ainda retinha. Ela, avidamente, levou o Jarro várias vezes ao nariz e disse: “Ó magnífica delícia! Como deve ter sido bom esse vinho para deixar tão doce perfume no Jarro que o continha!”

As recordações de boas ações permanecem.

A Raposa e o Corvo

UM CORVO, tendo roubado um pedaço de carne, empoleirou-se em uma árvore, conservando o alimento preso em seu bico. Uma Raposa, que via a tudo, desejou possuir a carne e, por um malicioso estratagemata conseguiu. “Quão magnífico é o Corvo”, ela exclamou, “na graciosidade de suas formas e na beleza de sua compleição! Oh, se apenas sua voz fosse igual a sua beleza, ele seria considerado o Rei das Aves!” Assim disse ele, decepcionado, mas o Corvo, ansioso para refutar a afirmação, soltou a voz e, emitindo um alto grasnido, deixou cair a carne. A Raposa rapidamente a apanhou e assim se dirigiu ao Corvo: “Meu bom Corvo, sua voz é suficiente, mas sua inteligência é escassa.”

Os Dois Cães

UM HOMEM tinha dois cães: um Sabujo, treinado para ajudá-lo na caça, e um Cão Doméstico, treinado para vigiar a casa. Quando retornava para casa após um dia de caça, ele sempre dava ao Cão Doméstico a maior parte do obtido. O Sabujo, sentindo-se muito aflito com isso, reprovou sua companhia dizendo: “É muito duro ter todo

esse trabalho enquanto você, que não ajuda na caçada, aproveita-se dos frutos dos meus esforços.” O Cão Doméstico respondeu: “Não me censure, meu amigo, reclame do mestre, que não me ensinou a trabalhar, mas a depender do trabalho dos outros.”

Crianças não devem ser censuradas pelas faltas dos pais.

O Veado no Galpão

UM VEADO, perseguido por Sabujos e levado pelo medo do perigo que corria, tomou abrigo numa fazenda, escondendo-se num galpão, entre os bois. Um Boi deu-lhe este gentil aviso: “Ó infeliz criatura! Por que, de vontade própria, você busca a destruição e se abriga na casa do inimigo?” O Veado replicou: “Apenas me permita, amigo, ficar onde estou e encontrarei a melhor oportunidade de escapar.” À aproximação da noite, o vaqueiro veio para alimentar o gado, mas não viu o Veado, e mesmo o capataz, com vários peões, passaram pelo galpão e não notaram a presença do intruso. O Veado, felicitando-se por estar seguro, expressou seus sinceros agradecimentos aos Bois, que o haviam gentilmente auxiliado na hora da necessidade. Um deles novamente respondeu: “Nós sinceramente desejamos o seu bem, mas o perigo não acabou. Ainda resta alguém a passar pelo Galpão, alguém que parece ter cem olhos, e enquanto ele não se for, sua vida ainda está em perigo.” Naquele momento, o próprio Fazendeiro entrou e, queixando-se de que seus Bois não eram alimentados propriamente, foi até os coches e gritou: “Por que há tão pouca comida? Não há nem metade da palha para eles deitarem. Aqueles preguiçosos nem sequer varreram as teias de aranha.” Enquanto ele assim examinava tudo em redor, percebeu as pontas do chifres do veado que apareciam acima de um monte de palha. Então, reunindo seus peões, ele ordenou que o Veado fosse apanhado e morto.

O Falcão, o Milhafre* e os Pombos

OS POMBOS, apavorados com a aparência de um Milhafre, pediram ajuda a um Falcão para defendê-los. Ele imediatamente

aceitou. Quando foi admitido na gaiola, ele percebeu que causaria muito mais estragos e assassinou maior número deles em um dia do que o Milhafre poderia fazê-lo num ano inteiro.

Evite um remédio que seja pior do que a doença.

* Milhafre ou milhano é a designação comum dada às aves de rapina do gênero *Milvus*, da família dos *Acipitrídeos*.

A Viúva e a Ovelha

UMA CERTA Viúva muito pobre possuía uma solitária Ovelha. Para poupar despesas, à época da tosa, a própria Viúva resolveu tosquiá-la, mas o fez de maneira tão inábil que acabou quase por esfolar a Ovelha. Esta, retorcendo-se de dor, exclamou: “Por que me machuca tanto, senhora? Que peso pode o meu sangue adicionar à lã? Se você quer me esfolar, há para isso o açougueiro, que pode me matar num instante; mas se você quer minha lã, há o tosquiador, que pode me tosar sem me ferir.”

Uma menor despesa nem sempre proporciona lucro.

O Burro Selvagem e o Leão

UM BURRO SELVAGEM e um Leão fizeram um pacto para capturar os animais da floresta com mais facilidade. O Leão concordou em ajudar o Burro com sua força, enquanto o Burro daria ao Leão o benefício de sua grande velocidade. Quando eles já havia apanhado o suficiente para suas necessidades, o Leão responsabilizou-se por distribuir a presa e para tal propósito dividiu-a em três partes: “Eu ficarei com a primeira parte”, disse ele, “porque sou o Rei: e também com a segunda parte, como seu companheiro de caçada: já a terceira (acredite em mim) será uma fonte de grande desgraça para você, a

menos que, de boa vontade, você a entregue para mim e saia daqui o mais rápido que puder.”

O poder faz a lei.

A Águia e a Flecha

UMA ÁGUIA descansava em uma rocha elevada, observando os movimentos de uma Lebre que desejava apanhar. Um arqueiro, que espiava a Águia de um lugar escondido, com precisa mira feriu-a mortalmente. A Águia olhou de soslaio para a flecha que lhe havia penetrado o coração e notou que esta trazia na ponta algumas penas de Águia. “É motivo de duplo pesar para mim”, exclamou, “que deva perecer por uma flecha que tem penas iguais às das minhas asas.”

O Milhafre Doente

UM MILHAFRE, doente de morte, disse à sua mãe: “Ó Mãe! Não lamente por mim, mas suplique aos deuses que prolonguem minha vida.” Ela replicou: “Ah! Meu filho, que deuses você acha que terão piedade de você? Há algum que você não tenha ultrajado roubando-lhe parte dos sacrifícios que eram oferecidos nos altares?”

Precisamos fazer amigos na prosperidade se quisermos sua ajuda na adversidade.

O Leão e o Delfim

UM LEÃO vagava pela praia quando viu um Delfim erguer a cabeça por sobre as ondas e sugeriu que eles fizessem uma aliança, dizendo que, entre todos os animais, eles deveriam ser os melhores amigos, desde que um fosse o rei dos animais na terra e o outro fosse o monarca dos habitantes do oceano. O Delfim de boa vontade concordou com a proposta. Não muito depois, o Leão teve um combate com um touro selvagem e chamou o Delfim para ajudá-lo. O Delfim, apesar de muito interessado em dar-lhe assistência, estava

impossibilitado de fazê-lo, uma vez que não possuía meios de chegar à terra. O Leão acusou-o de traidor. O Delfim replicou: “Não, meu amigo, não culpe a mim, e sim à natureza, que, ao me dar a soberania dos mares, negou-me o poder de viver sobre a terra.”

O Leão e o Javali

EM UM DIA DE VERÃO, quando um grande calor produziu enorme sede entre os animais, um Leão e um Javali foram até um poço para beber água e lá chegaram ao mesmo tempo. Eles lutaram ferozmente, disputando qual deles deveria beber primeiro e logo estavam envolvidos na agonia de um combate mortal. Ao pararem, na intenção de ganhar fôlego para reiniciar a luta ainda mais ferozmente, viram que alguns Abutres aguardavam, à distância, para se banquetear com quem caísse primeiro. Eles então entraram em acordo, dizendo: “É melhor ser amigos do que virar comida de Corvos ou Abutres.”

A Corça Caolha

UMA CORÇA cega de um olho estava acostumada a pastar próximo à beira de um penhasco sempre que podia, na esperança de ter maior segurança. Ela voltava seu olho bom para a terra visando antecipar a aproximação de algum caçador ou sabujo, e o olho cego ela deixava voltado para o mar, do qual não esperava nenhum perigo. Alguns barqueiros que velejavam por ali a viram e, com bem sucedida mira, feriram-na mortalmente. Em seu último suspiro, ela emitiu este lamento: “Ó pobre criatura que sou! Tomei tanto cuidado com a terra e esta praia, aonde vim em busca de segurança, acabou mostrando-se muito mais perigosa.”

O Pastor e o Mar

UM PASTOR, mantendo vigilância sobre suas ovelhas próximo ao litoral, achou o mar muito calmo e tranqüilo e desejou então fazer uma

viagem de comércio. Vendeu todo o rebanho, investiu tudo em uma carga de tâmaras e fez velas. Mas uma grande tempestade veio e, estando o navio ameaçado de afundar, ele atirou toda a carga ao oceano, salvando-se com muita dificuldade; o barco, porém, ficou vazio. Passada a desventura, quando certo dia alguém observou ao pastor a serenidade do mar, ele interrompeu, dizendo: “É que o mar está à espera de tâmaras, por isso parece quieto.”

O Burro, o Galo e o Leão

UM BURRO e um Galo estavam em uma palhiça quando um Leão, desesperado de fome, aproximou-se do lugar. Ele estava prestes a atacar o Burro, quando o Galo (ao som de cuja voz, segundo dizem, o Leão nutre uma singular aversão) gritou com grande alarde e o Leão evadiu-se o mais rápido que pôde. O Burro, observando tanto medo ao som de um simples Galo, reuniu coragem para enfrentá-lo e correu atrás dele com esse propósito. Não havia corrido muito quando o Leão, voltando-se, agarrou-o e o fez em pedaços.

A Falsa confiança freqüentemente leva ao perigo.

Os Ratos e as Doninhas

AS DONINHAS e os Ratos travam uma guerra perpétua entre si, na qual muito sangue já foi derramado. As Doninhas sempre se saíram vitoriosas. Os Ratos acreditavam que a causa de suas freqüentes derrotas era o fato de não terem a liderança de um general, assim como sempre se expunham a muitos perigos devido à sua falta de disciplina. Desse modo, para que pudessem estar mais organizados na batalha, escolheram como líderes Ratos que eram os mais renomados pela sua ascendência familiar, força e sabedoria, assim como por serem os de maior coragem na luta e formaram tropas, regimentos e batalhões. Quando tudo estava feito, e o exército disciplinado, um arauto proclamou guerra, desafiando as Doninhas; os novos generais ornaram a cabeça com palhas para que fossem melhor reconhecidos por suas

tropas. Mal a batalha havia começado, uma grande confusão se disseminou entre os Ratos, que saíram em disparada até suas tocas. Os generais, incapazes de se adaptar aos ornamentos que traziam, foram todos capturados e comidos pelas Doninhas.

Maior a honra, maior o perigo.

Os Ratos em Conselho

OS RATOS reuniram-se em conselho para decidir a melhor maneira de se prevenirem contra seu grande inimigo, o Gato. Entre os muitos planos sugeridos, o que mais agradou foi o de amarrar um sino ao pescoço do Gato para que os Ratos, alertados pelo som do seu tilintar, pudessem fugir e se esconder em suas tocas. Mas quando os Ratos debateram quem deveria amarrar o sino no Gato, ninguém se ofereceu.

O Lobo e o Mastim *

UM LOBO, encontrando um grande e bem-alimentado Mastim que usava uma pesada coleira de madeira, perguntou-lhe quem o alimentava tão bem, apesar de obrigá-lo a carregar aquela pesada cadeia por toda parte. “Meu dono”, ele replicou. Então disse o Lobo: “Que nenhum amigo meu jamais tenha de passar por tal apuro; pois o peso desta coleira é o bastante para tirar o apetite de qualquer um.”

* Grande cão para guarda de gado.

Os Rios e o Mar

OS RIOS convergiam para o Mar dizendo: “Por que nós, com nossa água tão limpa e doce, afluímos para suas correntes e você nos corrompe, tornando-nos salgados e impróprios para beber?” O Mar, percebendo que pretendiam censurá-lo por isso falou: “Peço-lhes que parem de correr para mim, e então não ficarão mais salgados.”

O Burro Travesso

UM BURRO subiu em uma construção e, perambulando por ali, quebrou o telhado. O dono subiu até lá e rapidamente o afugentou, batendo-lhe severamente com um pesado porrete. O Burro falou: “Ora, mas eu vi o Macaco fazer isso ontem e todo mundo ria bastante, como se isso causasse grande contentamento.”

Os Três Negociantes

UMA GRANDE CIDADE estava sitiada e seus habitantes foram chamados em conselho para opinar sobre a melhor forma de se protegerem do inimigo. Um pedreiro argumentou que tijolos seriam o melhor material para um efetiva resistência. Um Carpinteiro, com igual entusiasmo, propôs usar madeira como o melhor método de defesa. Após o que, um Coureiro se levantou e disse: “Senhores, eu discordo de todos vocês: não há material mais resistente do que uma capa de peles; e nada é tão bom quanto o couro.”

Cada homem age por si mesmo.

O Homem e Seus Cães

UM CERTO HOMEM, detido por uma tempestade, primeiro de tudo matou todas as ovelhas e depois os bodes para a manutenção da família. Como a tempestade continuasse, ele foi obrigado a devorar toda a parelha de bois. Ao ver isso, os Cães se reuniram e disseram: “É o momento de irmos embora, pois se o mestre não poupa nem mesmo os bois, que trabalham para o seu sustento, como podemos esperar que poupe a nós?”

Ninguém quer por amigo quem trata mal a própria família.

O Lobo e os Pastores

UM LOBO, de passagem, viu alguns pastores numa cabana comendo um quarto de carneiro no jantar. Aproximando-se, ele disse: “Que algazarra vocês fariam se fosse eu que estivesse agindo como vocês!”

Os Delfins, As Baleias e o Arenque *

OS DELFINS e as Baleias travavam violenta guerra. Quando a batalha estava no ápice, um Arenque elevou a cabeça fora das ondas e disse que poderia reconciliar as diferenças entre as partes se estas o aceitassem como mediador. Um dos Delfins replicou: “Todos seríamos destruídos ainda mais rápido nessa batalha se admitíssemos a sua interferência em nossos assuntos.”

* Gênero de peixes da família dos clupeídeos, de dorso azul-esverdeado e ventre prateado, de hábitos migratórios, comum no canal da Mancha e nos mares setentrionais; reúnem-se em cardumes para pôr os ovos, sendo pesca muito procurada e apreciada. (Compr.: de 20 a 30 cm.)

O Burro e o Ídolo

UM BURRO carregava pelas ruas de uma cidade uma famosa imagem de madeira, que seria colocada em um dos Templos. Enquanto caminhava, o povo fazia humildes prostrações perante o ídolo. O Burro, pensando que todos se curvassem em respeito a ele, eriçou o pêlo, encheu-se de orgulho e recusou-se a dar um passo. O condutor, vendo-o empacado, chicoteou-o ferozmente, dizendo: “Ó perverso imbecil! Ainda não é chegada a hora de os homens cultuarem a um Burro.”

Não são inteligentes os que dão a si mesmos o crédito devido a outros.

Os Dois Viajantes e o Machado

DOIS HOMENS viajavam juntos. Um deles juntou um machado caído na estrada e disse: “Eu encontrei um machado.” “Não, meu amigo”, replicou o outro, “não diga ‘eu’, diga ‘nós’ encontramos um machado”. Não tinham ido muito longe quando viram o dono do machado a persegui-los. Aquele que o havia juntado do chão falou: “Nós somos estúpidos.” “Não”, replicou o outro, “mantenha a primeira pessoa do seu discurso, meu amigo; o que você achava certo antes, ache certo agora. Diga ‘eu’, e não ‘nós’ somos estúpidos.”

Aquele que divide os perigos deve também repartir os prêmios.

O Velho Leão

UM LEÃO, esgotado pelos anos e enfraquecido pela doença que o acometia, jazia no chão à beira da morte. Um Javali correu até ele e, vingando-se de um ferimento recebido longo tempo atrás, aplicou-lhe uma mordida. Logo depois, o Touro chifrou o Leão, como se ele fosse um inimigo. Quando o Burro viu que tão grande animal podia ser atacado impunemente, dirigiu-se até ele e o escoiceou. O moribundo Leão disse: “com relutância suportei os insultos dos bravos, mas ser compelido a agüentar tal tratamento de ti, uma desgraça da Natureza, é, em verdade, sofrer uma dupla morte.”

O Velho Sabujo

UM SABUJO que, na juventude, era forte e jamais se rendia a qualquer animal da floresta, mas hoje já entrado em anos, encontrou um Javali durante a caçada. Abocanhou-o corajosamente, mas não pôde retê-lo por causa da fraqueza de seus dentes e o Javali escapou. Seu dono, que rapidamente apareceu e estava muito desapontado, repreendeu-o duramente. O Sabujo olhou para cima e disse: “Não é culpa minha, mestre: meu espírito continua tão bom como antes, mas não pude curar minhas enfermidades. Eu merecia ser elogiado pelo que fui, ao invés de ser ofendido pelo que sou.”

A Abelha e Júpiter

UMA ABELHA do Monte Himeto, rainha de sua colméia, subiu ao Olimpo para presentear Júpiter com o mel fresco dos seus favos. Júpiter, deleitado com a oferta de mel, prometeu dar qualquer coisa que ela pedisse. A Abelha então suplicou: “Dê-me, eu lhe rogo, um ferrão, para que eu possa matar a quem quer que se aproxime para tomar meu mel.” Júpiter ficou muito desagradado porque amava a raça humana, mas não podia recusar o pedido. Ele assim respondeu à Abelha: “Você terá o desejo atendido, mas ele porá sua própria vida em risco. Pois, ao usar o ferrão, ele se soltará, ficando preso à ferida causada, e tal perda provocará a sua morte.”

Maus desejos trazem más conseqüências.

A Fazendeira e o Balde

A FILHA DE UM FAZENDEIRO estava levando um balde de leite para casa quando foi tomada por um pensamento: “Com a quantia que este leite vai render, comprarei pelo menos trezentos ovos. Os ovos, levando em conta todos os contratemplos, produzirão duzentos e cinqüenta frangos. Os frangos, quando atingirem seu melhor preço, estarão prontos para o abate, o que significa que lá pelo final do ano eu terei dinheiro bastante para comprar um novo vestido. Com ele, irei a todas as festas de Natal, onde todos os jovens rapazes irão me pedir em casamento, mas virarei a cabeça de lado e recusarei a todos.” Nesse momento ela virou a cabeça, acompanhando seus pensamentos, derramando no chão todo o leite do balde, e então todos os seus esquemas imaginários pereceram num instante.

Os Viajantes à beira-mar.

ALGUNS VIAJANTES, seguindo ao longo do litoral, subiram ao topo de um alto penhasco e, olhando para o mar, viram à distância o que imaginaram ser um grande navio. Aguardaram na esperança de vê-lo entrar no porto, mas como o objeto para o qual olhavam era levado

pelo vento, eles imaginaram que pudesse no máximo ser um pequeno barco, não um navio. Quando, entretanto, ele chegou à praia, descobriram ser apenas um grande feixe de varas, e um dos viajantes disse aos companheiros: “Ficamos esperando sem nenhum propósito, uma vez que tudo não passa de uma carga de madeira.”

A nossa expectativa da vida ultrapassa a realidade.

O Ferreiro e seu Cão

UM FERREIRO tinha um pequeno Cão, que era o favorito de seu dono e seu constante companheiro. Enquanto ele martelava o ferro, o Cão dormia; mas quando, por outro lado, na hora do jantar o Ferreiro começava a comer, o Cão acordava e abanava o rabo, como que a pedir uma parte da refeição. Seu dono, um dia, fingindo estar nervoso e balançado um bastão para ele, disse: “Preguiçoso desgraçado! O que devo fazer com você? Enquanto estou martelando a bigorna, você dorme na esteira; e quando vou jantar após dura labuta, você acorda e abana o rabo pedindo comida. Você não sabe que o trabalho é a fonte de todas as bênçãos e que somente aqueles que trabalham merecem comer?”

O Burro e sua Sombra

UM VIAJANTE alugou um Burro para que este o transportasse até um distante lugar. Estando o dia muito quente e o sol brilhando com toda a intensidade, o Viajante parou para descansar e tentou se refugiar do calor à sombra do Burro. Como a sombra desse apenas para um, o Viajante e o dono do Burro iniciaram uma violenta querela, discutindo qual deles tinha direito à sombra. O Viajante declarava ser ele, pois, ao alugar o Burro, havia alugado junto sua sombra. A discussão passou das palavras aos socos e enquanto os homens brigavam o Burro fugiu.

Ao discutirmos questões superficiais, geralmente nos esquecemos das substanciais.

O Burro e seus Mestres

UM BURRO pertencente a um vendedor de ervas que lhe dava pouca comida e muito trabalho fez uma súplica a Júpiter para que o livrasse de seu atual serviço, providenciando-lhe um novo dono. Júpiter, após avisá-lo de que poderia se arrepender do pedido, fez com que ele fosse vendido a um oleiro. Não se passou muito tempo o Burro suplicou novamente ser trocado de dono. Júpiter, dizendo ser a última vez que lhe atendia um pedido, ordenou que ele fosse vendido a um curtidor de couro. O Burro achou que tinha caído em mãos piores e, notando a ocupação de seu dono, gemeu: “Seria melhor para mim ter passado fome ou trabalhado duro com meus donos anteriores do que ter vindo parar nas mãos do meu dono atual, que, mesmo após minha morte, irá arrancar-me a pele e fazê-la útil a ele.”

O Carvalho e o Capim

UM CARVALHO MUITO GRANDE foi arrancado pela raiz por uma ventania e caiu atravessado sobre um rio. Sentindo estar no meio de um capinzal, assim se dirigiu: “Imagino como vocês, tão delicados e frágeis, não foram inteiramente esmagados por estes fortes ventos.” Eles replicaram: “Você encara o vento e luta contra ele, enquanto nós, pelo contrário, nos curvamos ante a mais leve rajada de ar e, dessa forma, permanecemos inteiros, e salvos.”

Respeite para conquistar.

O Pescador e o Peixinho

UM PESCADOR que vivia do que produziam suas redes, um dia apanhou apenas um único e minúsculo Peixe. O Peixe, respirando convulsivamente, assim suplicou pela própria vida: “Ó senhor, que bem posso eu lhe fazer, de tão pequeno que sou? Ainda não estou no tamanho ideal. Rogo-lhe que poupe minha vida e me ponha de volta no mar. Eu logo me tornarei um grande peixe, mais adequado à mesa dos ricos e quando você me pescar de novo poderá tirar melhor proveito de

mim.” O Pescador respondeu: “Eu teria que ser muito ingênuo se, em troca de um benefício incerto, fosse abrir mão de um lucro garantido.”

O Caçador e o Lenhador

UM CAÇADOR, não muito corajoso, estava seguindo a pista de um Leão. Ele perguntou a um homem que derrubava carvalhos na floresta se ele tinha visto alguma pegada ou se sabia onde era a toca do animal. “Eu irei”, disse o homem, “mostrar a você é logo onde o Leão está!” O Caçador, tornando-se pálido e batendo os dentes de medo, replicou: “Não, obrigado. Eu não lhe pedi isso. É à procura da pista do Leão que eu estou, não do Leão.”

O herói é bravo nos seus feitos tanto quanto nas suas palavras.

O Javali e a Raposa

UM JAVALI postou-se sob uma árvore, esfregando as presas no tronco. Uma Raposa passou por ele e perguntou por que ele afiava os dentes se não havia qualquer caçador ou cão de caça por perto. Ele replicou: “Eu o faço por precaução, pois enquanto estiver sendo atacado, não terei tempo de afiar minhas presas.”

O Leão em uma Fazenda

UM LEÃO entrou em uma fazenda. O Fazendeiro, desejando apanhá-lo, fechou o portão. Quando o Leão percebeu que não podia escapar, avançou sobre as ovelhas e as matou, atacando depois o gado. O Fazendeiro, começando a temer pela própria segurança, abriu os portões e soltou o Leão. À saída deste, o Fazendeiro lamentou dolorosamente a perda de ovelhas e bois, mas sua esposa, que havia visto a tudo que sucedera, disse: “Na minha opinião, você teve o que merecia, pois como pôde pensar, mesmo que por um momento, em prender um Leão aqui em sua fazenda se você treme dos pés à cabeça só de ouvir seu rugido à distância?”

Mercúrio e o Escultor

MERCÚRIO UMA VEZ RESOLVEU saber o grau de estima que os mortais tinham por ele. Para esse propósito, assumiu a forma de um homem e assim disfarçado, visitou o estúdio de um escultor, olhando várias peças, perguntou pelo preço das estátuas de Juno e Júpiter. Ao chegarem a um acordo quanto ao preço, Mercúrio apontou para uma estátua de si mesmo, dizendo ao Escultor: “Você certamente pedirá mais por esta, pois é a estátua do Mensageiro dos Deuses e do responsável por todo o seu lucro.” O Escultor replicou: “Bem, já que vai comprar aquelas, pode levar esta como brinde.”

O Cisne e o Ganso

UM CERTO homem rico comprou no mercado um Ganso e um Cisne. Ele mantinha um apenas para levar à mesa e o outro devido à sua bela música. Quando chegou a hora de matar o ganso, o cozinheiro foi até ele à noite, quando estava escuro, e não foi capaz de distinguir uma ave da outra. Por engano, ele apanhou o cisne ao invés do Ganso. O Cisne, compungido pela morte iminente, entoou um canção e pela voz se fez conhecer, preservando com seu canto a própria vida.

A Raposa Inchada

UMA RAPOSA FAMINTA, vendo que alguns pastores haviam deixado um pouco de pão e carne no oco de um carvalho, meteu-se no buraco da árvore e fez uma farta refeição. Quando acabou, estava tão cheia que não podia mais sair e começou a suspirar, lamentando seu destino. Outra Raposa, passando por ali e aproximando-se, inquiriu-lhe a causa dos seus queixumes. Ao tomar conhecimento do que acontecera, ela disse: “Ah, você deve permanecer onde está, amiga, até que volte a ser como era antes de entrar aí; então você poderá facilmente sair.”

A Raposa e o Lenhador

UM RAPOSA, fugindo de cães de caça, passou por um Lenhador que derrubava um carvalho e suplicou-lhe que mostrasse um lugar seguro para se esconder. O Lenhador a aconselhou a tomar abrigo em sua cabana, para onde a Raposa correu e escondeu-se num canto. O Caçador logo apareceu com seus cães e perguntou ao Lenhador se ele tinha visto a Raposa. Ele declarou que não a tinha visto, no entanto, apontava o tempo todo para a cabana enquanto falava. O Caçador não se deu conta dos sinais e acreditando na sua palavra, lançou-se outra vez na caçada. Tão logo ele se foi, a Raposa partiu sem dar qualquer atenção ao Lenhador, ao que ele a chamou e, reprovando-a, falou: “Sua ingrata, você me deve a vida e se vai sem uma palavra de agradecimento.” A Raposa replicou: “De fato, eu deveria ter agradecido calorosamente a você se seus atos fossem tão bons quanto suas palavras e se suas mãos não fossem traidoras do seu discurso.”

O Passarinheiro, a Perdiz e o Galo

UM PASSARINHEIRO estava prestes a iniciar sua refeição quando um amigo inesperadamente apareceu. A armadilha estava completamente vazia, pois não apanhara nada e ele era obrigado a matar uma Perdiz, que havia sido adestrada para servir como chamariz. A ave implorou ardentemente por sua vida: “O que você vai fazer sem mim da próxima vez que espalhar suas redes? Quem irá cantar para embalar seu sono ou chamar pássaros para você?” O Passarinheiro poupou sua vida e resolveu apanhar um jovem Galo. Mas este, de seu poleiro, protestou, com lamentosos queixumes: “Se você me matar, quem irá anunciar o amanhecer? Quem irá acordá-lo diariamente para suas tarefas e avisá-lo da hora de visitar a armadilha de manhã?” Ele replicou: “O que você diz é verdade. Você é muito importante por me dizer as horas do dia, mas, meu amigo e eu precisamos nos alimentar.”

A necessidade não conhece a lei.

O Macaco e o Pescador

UM MACACO, do alto de uma árvore, viu alguns Pescadores atirando as redes em um rio e atentamente observou seus procedimentos. Os Pescadores, após algum tempo, largaram o trabalho e foram para casa almoçar, deixando suas redes sobre à margem do rio. O Macaco, que é o maior imitador entre os animais, desceu da árvore e esforçou-se por fazer como os Pescadores. Tendo apanhado a rede, ele a atirou no rio, mas acabou por se enrolar nela e se afogou. Em seu último suspiro disse a si mesmo: “Estou muito bem servido; por que diabos eu, que nunca manuseei uma rede, tinha que me meter a apanhar peixes?”

A Pulga e o Lutador

UM PULGA pousou no pé descoberto de um Lutador e o mordeu, levando o homem a chamar em altos brados para que Hércules o ajudasse. Quando a Pulga uma segunda vez saltou sobre seu pé, ele gemeu e disse: “Ó Hércules! Se você não me ajuda contra uma Pulga, como posso esperar sua assistência contra inimigos maiores?”

Os Dois Sapos

DOIS SAPOS moravam no mesmo lago. Quando este secou ante o calor do verão, eles o deixaram e partiram juntos em busca de outro lar. No caminho, ocorreu de passarem por um profundo poço, com bastante água e, quando o viram, um dos Sapos disse ao outro: “Vamos descer e fazer deste poço nossa morada: ele nos fornecerá tanto abrigo quanto comida.” O outro replicou com grande cautela: “Mas suponha que a água nos falte. Como poderemos sair de tão grande abismo?”

Não faça nada sem avaliar as conseqüências.

A Gata e os Ratos

UMA CERTA CASA estava infestada de Ratos. Uma Gata, descobrindo isso, conseguiu entrar lá e foi apanhando os Ratos, devorando-os um por um. Temendo por suas vidas, os Ratos mantiveram-se abrigados em suas tocas. A Gata não conseguiu mais apanhá-los e se deu conta de que daí em diante deveria usar de outro artifício contra eles. Com esse propósito, ela saltou sobre uma estaca e, ali suspensa, fingiu estar morta. Um dos Ratos olhou furtivamente e ao vê-la disse: “Ah, madame, mesmo que você virasse um churrasquinho nós não nos aproximáramos de você.”

O Leão, o Urso e a Raposa

UM LEÃO e um Urso agarraram um Cabrito ao mesmo tempo e lutaram ferozmente por sua posse. Quando já haviam dilacerado horrivelmente um ao outro, tombaram exaustos. Uma Raposa, que à distância observava tudo, viu ambos estirados no chão e o Cabrito, intocado, no meio. Ela correu entre eles e, apanhando o Cabrito, fugiu o mais rápido que pôde. O Leão e o Urso a viram, mas nem sequer podiam se levantar e disseram: “Ai de nós, que lutamos e nos espancamos mutuamente apenas para servir a uma Raposa.”

Às vezes ocorre de um homem ter todo o trabalho e o outro ficar com o lucro.

A Corça e o Leão

UMA CORÇA, perseguida por caçadores, buscou refúgio na toca de um Leão. O Leão escondeu-se ao vê-la se aproximar, mas quando ela estava segura no interior do covil, ele saltou sobre ela e a fez em pedaços. “Ai de mim!”, exclamou a Corça, “Livrei-me do homem apenas para cair na boca de uma fera selvagem?”

Ao evitar um mal, deve-se tomar cuidado para não se cair em outro.

O Fazendeiro e a Raposa

UM FAZENDEIRO que nutria ódio a uma Raposa pelos ataques desta ao seu galinheiro, conseguiu finalmente apanhá-la e, determinado a ter uma ampla vingança, amarrou à sua cauda um corda embebida em óleo e ateou-lhe fogo. A Raposa, por uma terrível fatalidade, correu para os campos onde o Fazendeiro a havia capturado. Era a época da colheita do trigo; e o fazendeiro, que não conseguiu colher nada naquele ano, voltou para casa bastante pesaroso.

A Gaivota e o Milhafre

UMA GAIVOTA, tendo engolido um peixe muito grande, estourou o esôfago e deitou na praia para morrer. Um Milhafre a viu e exclamou: “Você mereceu inteiramente tal sorte; pois uma ave do ar não tem que buscar comida no mar.”

Os homens deveriam se preocupar apenas com seus próprios negócios.

O Filósofo, as Formigas e Mercúrio

UM FILÓSOFO testemunhou da praia o naufrágio de um navio, cuja tripulação e passageiros morreram todos afogados. Ele invectivou a injustiça da Providência que, para punir, talvez, um só criminoso que viajava no navio, permitiu que tantos inocentes percessem. Enquanto se envolvia em tais reflexões, descobriu-se rodeado por um grande exército de Formigas, de cuja habitação ele estava próximo. Uma delas subiu em seu pé, picando-o. O Filósofo imediatamente a esmagou. Mercúrio apareceu e, batendo no Filósofo com seu caduceu, disse: “E desejas te fazeres juiz da Providência quando tu mesmo trata de maneira similar a essas pobres Formigas?”

O Rato e o Touro

UM TOURO foi mordido por um Rato e, enfurecido com o ferimento, tentou capturá-lo. Mas o Rato conseguiu chegar à sua toca em segurança. Ainda assim, o Touro escavou o chão com seus chifres, cansando-se antes que pudesse alcançar o Rato e, abatido, foi dormir longe dali. O Rato observou tudo e furtivamente, foi até o Touro, subiu nele e mordeu-o no flanco, refugiando-se novamente em sua toca. O Touro, erguendo-se e sem saber o que fazer, ficou tristemente perplexo. Ao que disse o Rato: “Os grandes nem sempre prevalecem. Há momentos em que os pequenos e os humildes são melhores para causar dano.”

O Leão e a Lebre

UM LEÃO avançou sobre uma Lebre que dormia. Estava prestes a alcançá-la quando um jovem cervo passou trotando por ali e o Leão deixou a Lebre para segui-lo. A Lebre, espantando-se com o ruído, acordou e fugiu rapidamente. O Leão, após longa perseguição, não foi capaz de apanhar o Cervo e retornou até a Lebre. Ao descobrir que esta havia desaparecido, ele disse: “Recebi o castigo devido por ter abandonado a comida que tinha na mão pela chance de obter mais.”

O Camponês e a Águia

UM CAMPONÊS encontrou uma Águia capturada em uma armadilha e, admirando a ave, deixou-a escapar. A Águia não mostrou ingratidão a seu salvador, pois vendo-o sentado em um muro que não apresentava segurança, voou até ele e, com suas garras, arrancou-lhe o chapéu. Quando o Camponês saiu em sua perseguição, a Águia deixou cair o chapéu. Apanhando-o, o homem retornou ao mesmo lugar e descobriu que o muro onde havia estado tinha ruído; e ficou maravilhado com o serviço prestado pela Águia.

A Imagem de Mercúrio e o Carpinteiro

UM HOMEM MUITO POBRE, Carpinteiro de profissão, tinha uma imagem de Mercúrio, ante a qual fazia oferendas diárias e suplicava ao ídolo que o fizesse rico, mas apesar de seus pedidos, ficava mais e mais pobre a cada dia. Finalmente, estando muito aborrecido, ele arrancou a imagem de seu pedestal e arremessou-a contra a parede. Com o impacto, da parede começou a jorrar ouro, que o Carpinteiro rapidamente apanhou dizendo: “Bem, penso que tu és contraditório e desajuizado; pois quando te fiz oferendas não recebi qualquer benefício: mas agora que te maltrato sou premiado com riquezas abundantes.”

O Touro e o Bode

UM TOURO, escapando de um Leão, escondeu-se em uma caverna onde alguns pastores haviam estado recentemente. Assim que entrou, um Bode atacou-o ferozmente com seus chifres. O Touro calmamente assim se dirigiu a ele: “Bata como quiser. Eu não tenho medo de você, mas sim do Leão. Deixe o monstro ir embora que eu lhe mostrarei a diferença entre a força de um Bode e a de um Touro.”

É sinal de péssimo caráter tirar vantagem das desgraças de um amigo.

Os Macacos Dançarinos

UM PRÍNCIPE possuía alguns Macacos treinados para dançar. Sendo naturalmente grandes imitadores dos atos humanos, eles se revelaram alunos aplicados e quando trajavam suas ricas vestes e máscaras, dançavam tão bem quanto qualquer cortesão. O espetáculo era repetido freqüentemente com grande aplauso, até que certo dia um cortesão mal intencionado, tirou do bolso um punhado de nozes e atirou-as sobre o palco. Os Macacos, à vista das nozes, esqueceram sua dança e tornaram-se (como de fato eram) Macacos ao invés de atores. Arrancando as máscaras e despindo-se de suas roupas, eles brigaram

entre si pelas nozes. O espetáculo de dança acabou, assim, entre os risos e a troça da audiência.

A Raposa o Leopardo

A RAPOSA e o Leopardo disputavam qual era o mais belo dos dois. O Leopardo exibia uma a uma as várias pintas que decoravam seu pelo. Mas a Raposa, interrompendo-o, disse: “E quão mais bela do que você sou eu, que sou decorada não no corpo, mas na mente.”

Os Macacos e sua Mãe

A MACACA, diz-se, tem dois filhotes por ninhada. A Mãe acaricia e alimenta um com a maior das afeições e carinho, mas odeia e negligencia o outro. Aconteceu certa vez que o filhote acarinhado e amado sufocou-se pela excessiva afeição da Mãe, enquanto que o desprezado conseguiu nutrir-se e sobreviveu, apesar da negligência com que lhe trataram.

As melhores intenções nem sempre são garantia de sucesso.

Os Carvalhos e Júpiter

OS CARVALHOS apresentaram uma reclamação a Júpiter, dizendo: “Nós suportamos sem nenhum propósito o fardo da vida, uma vez que de todas as árvores somos nós as que estão continuamente sob maior risco de derrubada.” Júpiter respondeu: “Vocês devem responsabilizar a si mesmos pelas desgraças a que estão expostos: pois se vocês não dessem excelentes pilares e postes, e não se mostrassem tão úteis aos carpinteiros e aos fazendeiros, o machado não estaria tão freqüentemente pondo vocês abaixo.”

A Lebre e o Cão de Caça

UM CÃO DE CAÇA conseguiu expulsar uma Lebre de sua toca mas, após longa perseguição, desistiu da caçada. Um Bode, vendo-o parar, zombou dele dizendo: “O pequenino é o melhor corredor dos dois.” O Cão de Caça replicou: “Você não vê a diferença entre nós: eu estava correndo por um almoço, mas a Lebre por sua vida.”

O Viajante e a Fortuna

UM VIAJANTE, cansado pela longa jornada, deitou-se, tomado pelo cansaço, à beira de um profundo poço. Quando ele estava prestes a cair na água, a Fortuna, dizem, apareceu e acordando-o de seu cochilo assim se dirigiu a ele: “Bom senhor, peço-lhe que acorde, porque se cair no poço a culpa recairá sobre mim e eu ficarei com má fama entre os mortais, pois acho que os homens estão certos de imputar suas desgraças a mim, apesar de ser muito mais por sua própria estupidez que sejam acometidos por elas.”

Todos são mais ou menos mestres do seu destino.

O Cavaleiro Careca

UM CAVALEIRO CARECA, que usava peruca, saiu para caçar. Uma repentina lufada de vento derrubou seu chapéu juntamente com a peruca, o que arrancou altas risadas de seus companheiros. Ele avançou com seu cavalo e com grande alegria juntou-se à algazarra dizendo: “Que maravilha são esses cabelos que não me pertencem voarem de mim, quando abandonaram até mesmo o homem em cuja cabeça cresceram.”

O Pastor e o Cão

UM PASTOR que à noite conduzia seu rebanho ao curral, estava prestes a encerrar com elas um lobo, quando seu cão, percebendo a

fera, alertou: “Mestre, como pode esperar que as ovelhas estejam seguras se você admite um lobo no rebanho?”

A Lâmpada

A LÂMPADA, embebida de bastante óleo e brilhando intensamente, gabava-se de produzir mais luz do que o sol. Então uma repentina rajada de vento elevou-se e a Lâmpada foi imediatamente apagada. Seu dono acendeu-a novamente e disse: “Não se vanglorie mais, doravante contente-se em dar sua luz em silêncio. Saiba que mesmo as estrelas necessitam ser reacesas.”

O Leão, a Raposa e o Burro

O LEÃO, a Raposa e o Burro entraram em um acordo para ajudar um ao outro na caçada. Tendo assegurado uma grande presa, o Leão, em seu retorno à floresta, pediu ao Burro para repartir a porção devida a cada um dos três integrantes do acordo. O Burro cuidadosamente dividiu o espólio em três partes iguais e modestamente pediu aos dois companheiros que escolhessem primeiro. O Leão, numa explosão de ódio devorou o Burro. Então pediu à Raposa o favor de realizar a divisão. A Raposa amontoou tudo o que haviam apanhado numa grande pilha e deixou para si mesma o menor quinhão possível. O Leão disse: “Quem ensinou a você, minha excelente amiga, a arte da divisão? Você é perfeita para repartir as coisas.” Ela replicou: “Eu aprendi com o Burro, testemunhando seu destino.”

Feliz é o homem que aprende com a desgraça dos outros.

O Touro, a Leoa e o caçador de Javalis

UM TOURO, encontrando alguns filhotes de leão que dormiam, matou-os a chifradas. A Leoa apareceu e lamentou dolorosamente a morte de seus rebentos. Um Caçador de Javalis, vendo seu infortúnio, mantendo certa distância, falou à ela: “Pense agora quantos homens

lamentam a perda de suas crianças, cujas mortes foram causadas por você.”

O Carvalho e os Lenhadores

O LENHADOR cortou um Carvalho Gigante e partiu-o em pedaços, fabricando cunhas com seus próprios ramos para dividir o tronco. O Carvalho disse entre suspiros: “Não me importo com os golpes do machado sobre meu tronco, mas é com pesar que me vejo ser feito em pedaços por estas cunhas feitas dos meus próprios galhos.”

As desgraças causadas por nós mesmos são o que há de pior para suportar.

A Galinha dos Ovos de Ouro

UM CAMPONÊS e sua esposa tinham uma Galinha que botava um ovo de ouro a cada dia. Eles imaginaram, então, que ela deveria ter uma grande quantidade de ouro na barriga e, para obter tudo de uma vez, a mataram. Tendo feito isso, para sua surpresa, descobriram que a Galinha não diferia em nada das outras. O casal de tolos, dessa forma, esperando tornar-se rico de uma só vez, privou-se de ganhar o que lhe estava assegurado diariamente.

O Burro e os Sapos

UM BURRO, transportando uma carga de Madeira, atravessava um lago. Enquanto seguia, escorregou, caindo com grande estrondo e, não sendo capaz de erguer-se devido à carga que carregava, berrou pesadamente. Alguns Sapos que freqüentavam o lago ouviram sua lamentação e disseram: “Se você faz tanto barulho por causa de uma

simples queda n'água, o que faria, então, se tivesse que passar sua vida aqui, como nós?"

Os homens geralmente encaram os pequenos sofrimentos com menos coragem do que as maiores desgraças.

O Corvo e a Gralha

UM CORVO nutria inveja de uma Gralha por ser esta considerada uma ave de bom agouro e que sempre atraía a atenção dos homens, pois da observação de seu vôo estes costumavam prever o curso dos eventos futuros. Notando alguns viajantes que se aproximavam, o Corvo voou até uma árvore e, empoleirando-se em um galho, gritou o mais alto que pôde. Os viajantes voltaram-se até o som, imaginando que fosse algum presságio, quando um deles disse aos companheiros: "Sigamos caminho, meus amigos, pois é apenas o grasnar de um Corvo, cuja voz, vocês sabem, nada tem de profética."

Os que modificam a própria natureza apenas tornam a si mesmo ridículos.

As Árvores e o Machado

UM HOMEM foi até a floresta e pediu às árvores um cabo para o seu machado. As árvores concordaram e ajudá-lo e deram-lhe um jovem freixo. Não demorou e o homem fez dele um novo cabo para seu machado e passou a usá-lo, derrubando rapidamente todas as gigantes da floresta. Um velho carvalho, quando já era muito tarde, lamentou a destruição de seus companheiros e disse ao cedro, seu vizinho: "O primeiro passo foi dado por todas nós. Se não tivéssemos aberto mão dos direitos do freixo, teríamos mantido nossos privilégios e viveríamos por anos."

O Caranguejo e a Raposa

UM CARANGUEJO, abandonando o mangue, escolheu uma verde campina para buscar alimento. Uma Raposa avançou sobre ele e, faminta, o devorou. Enquanto estava a ponto de ser engolido, ele disse: “Eu mereci tal fim. Por que razão tinha eu de vir para a terra quando, por natureza e hábitos, só estou adaptado ao mar?”

ACEITAR a própria condição é um fator de felicidade.

A Mulher e sua Galinha

UMA MULHER possuía uma Galinha que lhe dava um ovo a cada dia. Ela estava sempre pensando num jeito de obter dois ovos diários, ao invés de um, até que, para atingir seu propósito, determinou dar à Galinha o dobro da ração permitida. Desse dia em diante, a Galinha tornou-se gorda e preguiçosa e nunca mais pôs outro ovo.

O Burro e o Velho Pastor

UM PASTOR, observando seu Burro, que se alimentava em uma campina, assustou-se com os repentinos gritos do inimigo. Implorou, então, ao Burro para fugir com ele para que não fossem capturados, mas o animal preguiçosamente respondeu: “Por que deveria eu fugir? Que irá me fazer o conquistador? Irá me colocar duas mochilas às costas?” “Sim”, respondeu o Pastor. “Então”, disse o Burro, “uma vez que por toda a minha vida em carreguei mochilas, que me importa?”

Na mudança de governo, para os pobres nada muda além do nome de seu chefe.

O Milhafre e os Cisnes

Os Milhafres de outrora, assim como os Cisnes, tinham o privilégio do canto. Mas, tendo ouvido o relinchar de um cavalo, eles ficaram tão encantados com o som que tentaram imitá-lo; e tantas foram as tentativas que desaprenderam a cantar.

O desejo de benefícios imaginários geralmente leva à perda dos atuais.

Os Lobos e os Cães Pastores

OS LOBOS assim se dirigiram aos Cães Pastores: “Por que vocês, que se assemelham a nós em muitas coisas, não entram em acordo conosco e partilham do nosso convívio como irmãos? Diferimos em um ponto apenas. Nós vivemos em liberdade, já vocês se curvam aos homens e se deixam escravizar por eles, que, em troca de seus serviços, os chicoteiam e os prendem na coleira. Também fazem de vocês guardas de suas ovelhas e enquanto eles comem a carne, dão-lhes os ossos. Se vocês se juntarem a nós, partilharemos as ovelhas de modo igualitário até estarmos todos saciados.” Os Cães receberam muito bem tais propostas e, adentrando a caverna dos Lobos, foram cercados e feitos em pedaços.

As Lebres e as Raposas

AS LEBRES declararam guerra às Águias e, pediram auxílio às Raposas. Estas replicaram: “De bom grado lhes ajudaríamos se não soubéssemos quem são vocês e com quem estão brigando.”

Avalie as conseqüências antes de aceitar um compromisso.

O Arqueiro e o Leão

UM ARQUEIRO MUTTO HÁBIL foi às montanhas em busca de diversão, mas todos os animais da floresta fugiam ante sua chegada. Somente o Leão desafiou-o ao combate. O Arqueiro imediatamente atirou uma flecha e disse ao Leão: “Mando-te meu mensageiro, para que por intermédio dele tu possas saber do que sou capaz quando te atacar.” O Leão ferido fugiu, com grande medo e, quando uma Raposa que acompanhara a tudo disse a ele para ser corajoso e não bater em retirada no primeiro ataque, ele replicou: “Você me aconselha em vão;

pois como sobreviverei ao ataque desse arqueiro se o simples mensageiro dele é assim tão terrível?”

Esteja em guarda contra os homens que podem feri-lo à distância.

O Camelo

QUANDO O HOMEM viu o Camelo pela primeira vez, ficou tão assustado com seu tamanho que saiu correndo de medo. Após algum tempo, percebendo o temperamento submisso e gentil do animal, ele reuniu coragem e aproximou-se. Logo depois, notando que o animal era deficiente de espírito, ele assumiu coragem de por-lhe um freio na boca e deixar que uma criança o conduzisse.

O costume leva à perda do temor.

A Vespa e a Cobra

UMA VESPA pousou na cabeça de uma Cobra e, atingindo-a incessantemente com seu ferrão, feriu-a de morte. A Cobra, em grande desespero e sem saber como agir para se ver livre daquele inimigo, viu uma carroça carregada de madeira que passava, dirigiu-se até ela e propositalmente pôs a cabeça sob uma roda, dizendo: “Ao menos meu inimigo e eu perceremos juntos.”

O Cão e a Lebre

Um Cão de Caça, perseguindo uma Lebre por certa distância, num momento a mordeu, como a querer tirar-lhe a vida, e no outro saltou sobre ela, como se brincasse com outro cão. A Lebre lhe disse: “Gostaria que você agisse com sinceridade e se mostrasse em suas cores verdadeiras. Se você é meu amigo, por que me morde tão violentamente? Se é inimigo, por que brinca comigo?”

Ninguém pode ser seu amigo se não se mostrar digno de confiança.

O Touro e o Bezerro

UM TOURO tentava com todas as forças transpor uma apertada passagem que levava ao estábulo. Um jovem bezerro apareceu e ofereceu-se para passar primeiro e mostrar-lhe a maneira pela qual ele deveria entrar. “Cuide da sua vida”, disse o Touro. “Eu já passava por aqui antes de você nascer.”

O Veado, o Lobo e a Ovelha

O VEADO pediu a uma Ovelha que lhe emprestasse uma medida de trigo e disse que o Lobo seria seu fiador. A Ovelha, temendo por alguma fraude, recusou dizendo: “O Lobo está acostumado a apanhar o que bem entende e sair correndo; e você também pode vencer-me facilmente na corrida. Como então eu poderei encontrar vocês quando chegar o dia do pagamento?”

Cada qual com seu igual.

O Pavão e a Garça

UM PAVÃO, abrindo sua vistosa cauda, zombou de uma Garça que passava, ridicularizando-lhe a plumagem descolorida e disse: “Estou paramentado em ouro, púrpura e todas as cores do arco-íris, como um rei, enquanto você não tem um pingo de cor nas penas.” “É certo”, replicou a Garça. “Mas eu alcanço as alturas com meu vô e elevo minha voz às estrelas, enquanto você vive aqui embaixo, como um galo, entre o estrume das outras aves.”

Belas penas não fazem bons pássaros.

A Raposa e o Ouriço

UMA RAPOSA, nadando em um rio de correnteza muito forte, foi arrastada a uma ravina bastante profunda, onde permaneceu por muito tempo, severamente machucada, doente e incapaz de se mover. Uma

nuvem de mosquitos pousou sobre ela. Um ouriço, passando por ali, viu sua aflição e perguntou-lhe se ele podia afugentar os mosquitos que a estavam atormentando. “De jeito nenhum”, replicou a Raposa; “Peço-lhe que não os moleste.” “Como assim?”, disse o Ouriço; “Você não quer se livrar deles?” “Não”, replicou a Raposa, “Pois estes mosquitos que você vê já se vão saciando de sangue e pouco me machucam, mas se você os espantar, outros mais famintos ocuparão o lugar deles e sugarão todo sangue que ainda me resta.”

A Águia, o Gato e o Javali

UMA ÁGUIA fez seu ninho no topo de um elevado carvalho; Uma Gata, encontrando um lugar conveniente, mudou-se para o meio do tronco; e uma Javali, com seus filhotes, abrigou-se em um buraco ao pé da árvore. A Gata, maliciosamente, resolveu destruir esta colônia surgida ao acaso. Para realizar seu intento, ela subiu até o ninho da águia e disse: “A destruição está reservada para você, e para mim também, infelizmente. A Javali, que você vê diariamente cavando a terra, planeja derrubar o carvalho, para que possa com isso alimentar seus filhotes com nossa prole.” Tendo assim assustado a Águia, ela desceu até a toca da Javali e disse: “Seus filhos estão em grande perigo; tão logo você saia para buscar comida, a Águia atacará um dos seus porquinhos.” Havendo instilado o medo na Javali, ela se foi e fingiu esconder-se em seu buraco na árvore. À noite ela saiu em silêncio e obteve comida para ela e os seus, mas fingindo medo, manteve-se vigilante por todo o dia. Nesse ínterim, a Águia, cheia de medo da Javali, permanecia sobre os galhos e a Javali, atemorizada com a águia, não ousou sair de seu abrigo. E elas, desse modo, junto com suas famílias, pereceram de fome e serviram como ampla provisão para a Gata e seus filhotes.

O Ladrão e o Estalajadeiro

UM LADRÃO alugou um quarto em uma estalagem e lá permaneceu na esperança de roubar algo com que pudesse pagar suas

contas. Como tivesse esperado alguns dias em vão, ele viu o Estalajadeiro vestindo um belo casaco e sentado à frente de sua porta. O Ladrão sentou-se diante dele e travaram conversa. Quando o diálogo se findava, o Ladrão bocejou terrivelmente e ao mesmo tempo uivou como um lobo. O Estalajadeiro disse: “Por que você uiva tão ferozmente?” “Explicarei a você”, disse o Ladrão, “Mas primeiro peço-lhe que segure minhas roupas, ou as farei em pedaços. Eu não sei, senhor, se este hábito de bocejar, bem como esses ataques de uivos, são um castigo por meus crimes ou alguma outra coisa; mas de algo eu sei: quando bocejo pela terceira vez, transformo-me num lobo e ataco os homens.” Com este discurso ele encenou um segundo bocejo e novamente uivou como um lobo, como da primeira vez. O Estalajadeiro, ouvindo sua estória e acreditando no que fora dito, ficou bastante alarmado e, erguendo-se da cadeira, tentou fugir. O Ladrão, arrancou seu casaco enquanto lhe suplicava que parasse, dizendo: “Rogo-lhe que espere, senhor, e segure minhas roupas, pois quando me transformar em lobo, na minha fúria, as rasgarei em pedaços.” Ao mesmo tempo, ele bocejou pela terceira vez e soltou um terrível uivo. O Estalajadeiro, com medo de ser atacado, largou seu casaco nas mãos do ladrão e correu o mais rápido que pôde rumo à estalagem para se proteger. O Ladrão satisfez-se com o casaco e nunca mais retornou à estalagem.

Não se deve acreditar em tudo.

A Mula

UMA MULA, alegre pela falta de trabalho e abundância de comida, galopava de um jeito muito extravagante e dizia a si mesma: “Meu pai certamente foi um corredor muito veloz e eu, com minha velocidade e meu espírito, não lhe nego a origem.” No dia seguinte, conduzida a uma longa jornada, e sentindo-se bastante aborrecida, ela exclamou num tom desconsolado: “Creio ter me enganado; meu pai, apesar de tudo, deve mesmo é ter sido um burro.”

O Cervo e a Videira

UM CERVO, duramente perseguido em uma caçada, escondeu-se entre as largas folhas de uma Videira. Os Caçadores, em sua pressa, passaram direto por seu esconderijo. Supondo que todo o perigo tivesse passado, o Cervo começou a morder os frutos da Videira. Um dos Caçadores, atraído pelo farfalhar das folhas, olhou para trás e, vendo o Cervo, disparou uma flecha, atingindo-o. O Cervo, à beira da morte, suspirou: “Foi merecido, pois eu não deveria ter maltratado a Videira que me salvou.”

A Serpente e a Águia

UMA SERPENTE e uma Águia lutavam, num combate mortal. A Serpente vencia e estava a ponto de estrangular a ave. Um camponês as viu e, correndo até elas, livrou a Águia do abraço da Serpente. A Serpente, irritada com a fuga de sua presa, destilou seu veneno no copo do camponês. O homem rústico, desconhecendo o perigo, estava prestes a beber, quando a Águia golpeou sua mão com a asa e, apanhando o copo com suas garras, carregou-o para longe.

O Corvo e o Jarro

UM CORVO que estava morrendo de sede viu um jarro e, na esperança de encontrar água voou até ele com alegria. Ao chegar, descobriu, para seu pesar, que ele continha tão pouca água que não era possível alcançá-la. Ele tentou de tudo para alcançar a água, mas todos os seus esforços foram em vão. Finalmente ele apanhou tantas pedras quantas pôde carregar e atirou-as uma a uma com o bico dentro do jarro, até que a água ficou ao seu alcance e ele conseguiu, assim, salvar a vida.

A necessidade é a mãe da invenção.

Os Dois Sapos

DOIS SAPOS eram vizinhos. Um habitava um profundo lago, afastado das gentes; o outro vivia em uma vala que continha um pouco d'água e era atravessada por uma estrada. O Sapo que vivia no lago alertou seu amigo para que mudasse de residência e viesse morar consigo, dizendo que ele gozaria segurança e alimento mais abundante. O outro recusou, alegando que seria muito duro para ele deixar um lugar ao qual já se havia acostumado. Uns poucos dias depois, uma pesada carroça passou sobre a vala e esmagou-o sob suas rodas.

Um homem teimoso encontrará sua própria forma de se machucar.

O Lobo e a Raposa

CERTA FEITA nasceu um Lobo muito grande e forte na matilha e que excedia todos os seus camaradas em força, tamanho e rapidez, tanto que eles unanimemente decidiram chamá-lo de “Leão”. O Lobo, iludido pelo seu grande tamanho, levou a sério o apelido que lhe deram e, deixando os da sua raça, vivia exclusivamente com os leões. Uma velha e manhosa Raposa, vendo isso, falou: “Que jamais eu veja alguém tão ridículo como você, que é um orgulhoso e prepotente; pois apesar de você ter o tamanho de um leão entre lobos, em meio aos leões você não passa de um lobo mesmo.”

A Nogueira

UMA NOGUEIRA à beira de uma estrada teve uma abundante safra. Para apanhar as nozes, os passantes quebravam seus galhos com pedras e paus. A Nogueira lastimosamente exclamou: “Pobre de mim! Aqueles a quem eu delicio com meus frutos retribuem-me com essas dolorosas recompensas!”

O Mosquito e o Leão

UM MOSQUITO disse a um Leão: “Não tenho um pingo de medo de você, nem você é mais forte do que eu. No que consiste a sua força?”

Você só sabe arranhar e morder, como uma mulher. Eu repito que sou mais forte do que você; e se duvida, vamos lutar e ver quem vence.” O Mosquito, soando sua trombeta, picou o Leão nas narinas e no rosto. Enquanto tentava esmagá-lo, o Leão arranhou-se todo com as próprias garras, de modo que foi punido severamente. O Mosquito, dessa forma, prevaleceu sobre o Leão e, zumbindo como que em triunfo, voou para longe. Mas logo depois ficou preso em uma teia e foi comido pela aranha. Ele lamentou grandemente esse fato, dizendo: “Ai de mim! Eu, que travei guerra com o maior dos animais e venci, tendo que perecer nas mãos de uma aranha, o mais insignificante dos insetos!”

O Macaco e o Delfim

UM MARINHEIRO, obrigado a uma longa jornada, levou consigo um Macaco para diverti-lo enquanto estivesse a bordo. Como ele velejasse pela costa da Grécia, uma violenta tempestade desabou, afundando a nau, e ele, o Macaco e toda a tripulação foram obrigados a nadar em busca de salvação. Um Delfim viu o Macaco lutando contra as ondas e supondo que fosse um homem (a quem, diz-se, ele sempre ajuda), colocou-o às costas, para transportá-lo com segurança até a praia. Quando tinha à vista uma terra próxima de Atenas, ele perguntou ao Macaco se o mesmo era ateniense. Este replicou que sim e que era descendente de uma das mais nobres famílias da cidade. O Delfim então inquiriu se ele conhecia os Pireus (o famoso porto de Atenas). Supondo que o Delfim estivesse falando de um homem, o Macaco informou que o conhecia muito bem e que este era um seu amigo íntimo. O Delfim, indignado ante essas mentiras, derrubou o símio na água e ele se afogou.

A Galinha e os Pombos

UMA GRALHA, vendo alguns Pombos em uma gaiola abundantemente provida de alimento, pintou-se de branco e juntou-se a eles para desfrutar de seus manjares. Os Pombos, como ela estivesse em silêncio, imaginaram que fosse um deles e admitiram-na em sua gaiola.

Mas quando um dia ela esqueceu quem era e começou a tagarelar, eles descobriram de quem se tratava e a expulsaram à base de bicadas. Falhando em obter comida junto aos Pombos, ela retornou ao convívio das Gralhas. Elas, não a reconhecendo por causa de sua cor, também a expulsaram. Assim, desejando dois fins, ela não obteve nenhum.

O Cavalo e o Veado

CERTA VEZ O Cavalo teve a campina inteira só para ele. Então um Veado intrometeu-se em seu domínio e usufruiu seu pasto. O Cavalo, desejando vingar-se do estranho, perguntou a um homem se este o desejava ajudar a punir o Veado. O homem replicou que se o cavalo aceitasse receber um freio à boca e carregar o homem, este obteria armas efetivas contra o Veado. O Cavalo consentiu, permitindo ao homem que o montasse. Desse momento em diante ele descobriu que, ao invés de se vingar do Veado, havia na verdade se tornado um escravo a serviço do homem.

O Cabrito e o Lobo

UM CABRITO, retornando sozinho ao pasto, acabou perseguido por um Lobo. Vendo que não podia escapar, ele se voltou e disse: “Eu sei, amigo Lobo, que estou destinado a ser sua presa, mas antes de morrer, eu lhe gostaria de pedir um favor: toque uma canção para que eu possa dançar.” O Lobo concordou e enquanto ele tocava flauta e o Cabrito dançava, alguns cães pastores ouviram o som e saíram em perseguição do Lobo. Voltando-se para o Cabrito, ele disse: “Tive o que mereci; pois eu, que não passo de um açougueiro, não deveria ter me tornado uma flautista para agradá-lo.”

O Profeta

UM MAGO, em um mercado, estava lendo a sorte das pessoas que passavam quando alguém chegou correndo com grande afobação e lhe

comunicou que as portas de sua casa haviam sido arrombadas e todos os seus pertences roubados. Ele suspirou pesadamente e apressou-se a sair dali o mais rápido que pôde. Um vizinho viu sua correria e disse: “Oh, amigo! Você diz que pode ler o futuro dos outros; como não foi capaz de prever o seu próprio?”

A Raposa e o Macaco

UM RAPOSA e um Macaco estavam viajando juntos na mesma estrada. Enquanto seguiam, passaram por um cemitério cheio de monumentos. “Todos esses monumentos que você vê”, disse o Macaco, “foram erguidos em honra de meus ancestrais, que em sua época eram cidadãos livres e de grande renome.” A Raposa replicou: “Você escolheu o assunto mais apropriado a suas falsidades, pois eu estou certo de que nenhum de seus ancestrais será capaz de contradizê-lo.”

Uma falsa estória freqüentemente trai a si mesma.

O Ladrão e o Cachorro

UM LADRÃO apareceu à noite para invadir uma casa. Ele trouxe várias fatias de carne na intenção de pacificar o Cachorro da casa, para que este não avisasse seu dono com latidos. Quando o Ladrão atirou as peças de carne, o Cachorro disse: “Se você pensa que vai calar minha boca, está redondamente enganado. Esta súbita generosidade da sua parte apenas me deixa ainda mais atento para que, com esses seus favores tão inesperados, você não esteja com segundas intenções visando ao seu próprio benefício ou ao prejuízo do meu dono.”

O Homem, o Cavalo, o Boi e o Cão

UM CAVALO, um Boi e um Cão em grandes apuros devido ao frio, pediram abrigo e proteção ao Homem. Ele os recebeu com afabilidade, acendeu a lareira e os aqueceu. Deixou o Cavalo à vontade com sua

aveia, deu ao Boi feno em abundância e alimentou o Cão com carne da sua própria mesa. Agradecidos por tais favores, os animais decidiram recompensá-lo com o melhor de suas habilidades. Com esse propósito, eles dividiram a vida do homem em três períodos e cada um doou uma porção de si com as qualidades mais características. O Cavalo escolheu os primeiros anos e deu-lhes seus atributos: daí em diante cada homem em sua juventude tornou-se impetuoso, teimoso e obstinado em manter sua própria opinião. A Raposa tomou sob seu patrocínio o terço seguinte da vida humana, e desse momento em diante o homem de meia-idade tornou-se apaixonado pelo trabalho, devotado ao labor, resoluto em acumular riquezas para si e prover recursos à mulher e aos filhos. O fim da vida foi reservado ao Cão, razão pela qual os velhos geralmente são grosseiros, rabugentos, melindrosos e egoístas, tolerantes apenas com suas próprias coisas, mas avessos a estranhos e a todos que não lhe oferecem conforto nem lhe suprem as necessidades.

Os Macacos e os Dois Viajantes

DOIS HOMENS, um que só dizia a verdade e outro, que só dizia mentiras, viajavam juntos e por acaso vieram parar num país de Macacos. Um desses símios, que fora elevado a rei, mandou que ambos fossem presos e trazidos diante dele, para que pudesse saber o conceito que tinha entre os homens. Ordenou, ao mesmo tempo, que todos os Macacos ficassem dispostos à sua direita e à sua esquerda e que um trono lhe fosse colocado, como era costume entre os homens. Após tais preparativos, anunciou que os dois homens deveriam ser trazidos diante dele e saudou-os desta maneira: “Que tipo de rei eu vos pareço, ó estrangeiros?” O mentiroso respondeu: “Pareceis o mais poderoso dos monarcas.” “E que pensais destes que estão ao meu redor?” “Estes”, ele respondeu, “são vossos ilustres conterrâneos, bem poderiam ser embaixadores ou chefes dos exércitos.” O Macaco, assim como toda a sua corte, gratificado com a mentira, mandou que um generoso presente fosse dado ao bajulador. Enquanto isso, o Viajante que só dizia a verdade pensou consigo mesmo: “Se tão grande recompensa foi dada por uma mentira, que tipo de presente eu receberia se, de acordo com meu costume, falasse a verdade?” O

Macaco rapidamente se voltou para ele: “E vós, como eu e meus amigos vos parecemos?” “Vós sois”, disse ele, “o mais ilustre dos Macacos e todos os vossos companheiros, sob o vosso exemplo, são ilustres Macacos também.” O Rei dos Macacos, enfurecido por tais palavras, entregou-o às dentadas e aos arranhões do seu povo.

O Lobo e o Pastor

UM LOBO seguiu um rebanho de ovelhas por um longo tempo e não tentou em momento algum atacá-las. O Pastor, de início, ficou a postos, como se estivesse diante de um inimigo, e manteve uma estrita vigilância sobre os seus movimentos. Mas quando o Lobo, dia após dia, mantinha-se na companhia das ovelhas e não fazia qualquer esforços para agarrá-las, o Pastor começou a vê-lo mais como um guardião do rebanho do que como uma ameaça; e quando a ocasião um dia o obrigou a ir até a cidade, deixou as ovelhas inteiramente sob a responsabilidade do Lobo. Este, agora que tinha a oportunidade, caiu sobre as ovelhas, exterminando grande parte do rebanho. Quando o Pastor retornou e descobriu seu rebanho destruído, exclamou: “Fui merecidamente castigado; por que tive eu que confiar minhas ovelhas a um Lobo?”

As Lebre e os Leões

AS LEBRES, reunidas em assembléia, argumentaram que todos deveriam ser iguais. Os Leões responderam: “Suas palavras, Ó Lebres, são boas, mas elas não têm garras nem dentes afiados como nós.”

A Cotovia e seus filhotes

UMA COTOVIA , no começo da primavera, havia feito seu ninho em uma recente plantação de trigo. Sua prole já estava quase adulta, de plumagem crescida e já sabia fazer uso das asas, quando o dono do

campo, observando que sua plantação já estava pronta, falou: “Chegou a hora de pedir aos vizinhos que me ajudem com a colheita.” Uma das jovens Cotovias ouviu tal discurso e contou-o à mãe, perguntando-lhe para que lugar eles deveriam ir por segurança. “Não é ocasião para se mudar ainda, meu filho”, ela replicou; “Se o homem vai apenas pedir ajuda aos amigos, isso não é coisa para se preocupar.” O dono do campo veio novamente uns poucos dias mais tarde e viu o trigo maduro já de algum tempo a derramar os grãos. Ele disse: “Virei amanhã com meus empregados, tantos ceifadores quando puder contratar, e colherei a safra.” A Cotovia, ao ouvir estas palavras, disse aos seus filhos: “É hora de ir, meus filhos, pois que ao homem é chegado o tempo; ele não mais confia em seus amigos, mas irá ele mesmo trabalhar no campo.”

A ajuda que se faz a si mesmo é a melhor de todas.

A Raposa e o Leão

QUANDO UMA RAPOSA viu um Leão pela primeira vez na floresta, ficou tão assustada que quase morreu de medo. Ao encontrá-lo segunda vez, ainda ficou bastante alarmada, mas não como da primeira. Na terceira vez, foi tão audaciosa que aproximou-se dele e iniciou uma conversa bastante familiar.

O conhecimento ameniza os preconceitos.

A Doninha e os Ratos

UMA DONINHA, fragilizada pela idade e pelas doenças, não conseguia mais apanhar ratos como antigamente. Certa vez, ela se impregnou de trigo e deixou-se ficar num canto escuro. Um Rato, supondo que fosse comida, saltou sobre ela, que imediatamente o apanhou e o espremeu. Outro foi pego da mesma maneira, e um terceiro, e ainda outros depois dele. Um rato muito velho, que já havia escapado de muitas armadilhas e emboscadas, observava a uma distância segura o truque de seu astuto inimigo e disse: “Ei! Você aí, embusteiro, possa um dia você encontrar um fim exatamente igual ao que ora finge ter!”

O Banho do Garoto

UM GAROTO que havia ido se banhar no rio estava se afogando. Ele pediu ajuda a um viajante que passava, mas este, em vez de estender-lhe a mão, permaneceu indiferente e ainda repreendeu o Garoto por sua imprudência. “Ó senhor!”, gritou o jovem, “Por favor, ajude-me agora e ralhe comigo depois.”

Aconselhar sem ajudar é inútil.

O Burro e o Lobo

UM BURRO, alimentando-se em uma campina, viu um Lobo que se aproximava para apanhá-lo e imediatamente fingiu ser coxo. O Lobo, aproximando-se, inquiriu a causa de seu defeito. O Burro replicou que, passando por um arbusto, havia pisado em um afiado espinho. Ele aconselhou ao Lobo que, antes de devorá-lo, primeiro lhe arrancasse o espinho, do contrário sua garganta poderia ficar machucada. O Lobo consentiu e ergueu-lhe a pata, bastante preocupado em encontrar o espinho, mas recebeu violento coice do Burro, que fugiu em desabalada carreira. O Lobo, terrivelmente machucado, falou: “Foi merecido. Por que tinha eu que tentar ser médico, quando meu pai só me ensinou o ofício de açougueiro?”

O Vendedor de Imagens

UM CERTO HOMEM fez uma imagem de Mercúrio em madeira e a colocou à venda. Como ninguém se interessasse por ela, com a finalidade de atrair compradores, ele anunciou que tinha para vender a estátua de um benfeitor que concedia saúde e atraía riquezas. Um dos circunstantes disse a ele: “Meu bom amigo, se ela faz mesmo tudo o que você apregoa, por que você a vende ao invés de aproveitar-lhe as benesses?” “Porque”, ele replicou, “preciso de auxílio imediato e ela é habituada a dar seus bons presentes muito devagar.”

A Raposa e as Uvas

UM RAPOSA FAMINTA viu alguns cachos de uva maduros pendentes de uma videira. Ela usou de todos os seus truques para apanhá-los, mas esforçou-se em vão, pois não atingiu o intento. Finalmente, ela seguiu caminho e, escondendo sua frustração, comentou: “Essas Uvas são azedas e não estão maduras, como eu pensava.”

O Homem e sua Esposa

UM HOMEM tinha uma Esposa que era odiada por todos em casa. Desejando descobrir se ela despertava os mesmos sentimentos nas pessoas da casa de seu pai, ele encontrou uma desculpa para mandá-la à casa paterna. Depois de pouco tempo ela retornou e quando inquirida sobre como haviam sido as coisas por lá e como os empregados a tinham tratado, ela replicou: “Os vaqueiros e os pastores lançavam sobre mim olhares de pura aversão.” Ele disse: “Ó esposa, se você não agrada àqueles que saem de manhã cedo com seus rebanhos e só voltam à noite, imagine o que devem sentir por você aqueles que desfrutaram de sua convivência o dia inteiro!”

A palha mostra para onde o vento sopra.

O Pavão e Juno

O PAVÃO queixou-se a Juno que, enquanto o rouxinol agradava a todos com sua canção, ele, tão logo abria a boca, tornava-se alvo do riso de todos quantos ouviam sua voz. A Deusa, para consolá-lo, disse: “Porém você é superior em beleza e tamanho. O esplendor da esmeralda brilha em seu pescoço e você carrega uma cauda vistosa, de colorida plumagem.” “Mas para que propósito eu tenho”, disse a ave, “esta beleza muda que não me ajuda a vencer no canto?” “O dom de cada um”, replicou Juno, “foi determinado pelos Fados - a ti, a beleza; à águia, a força; ao rouxinol, o canto; à Garça, augúrios favoráveis; ao

Corvo, os maus presságios. Todos eles estão contentes com os dons que lhes foram destinados.”

O Falcão e o Rouxinol

UM ROUXINOL, pousado em um carvalho e cantando de acordo com sua vontade, foi visto por um Falcão que, necessitado de comida, caiu sobre ele e o agarrou: O Rouxinol, prestes a perder a vida, suplicou ardentemente ao Falcão que o deixasse ir, dizendo que não era grande o bastante para satisfazer a fome de um Falcão e que, se este necessitava de alimento, deveria perseguir aves maiores. O Falcão, interrompendo-o, disse: “Só mesmo se eu tivesse perdido o juízo para deixar ir a comida que tenho na mão para sair em busca de aves que nem sequer estão à vista.”

O Cão, o Galo e a Raposa

UM CÃO e um Galo, sendo grandes amigos, concordaram em viajar juntos. Ao cair da noite eles se abrigaram sob uma grande árvore. O Galo acomodou-se entre seus ramos, enquanto que o Cão fez leito em um buraco ao pé do tronco. Quando chegou a manhã, o Galo, como de costume, cantou bem alto repetidas vezes. Uma Raposa ouviu o som e, desejando fazer dele seu café da manhã, aproximou-se, detendo-se sob os ramos, dizendo o quão ardentemente desejava conhecer o dono de tão magnífica voz. O Galo, suspeitando de sua civilidade, falou: “Senhor, peço-lhe que me faça o favor de ir até o buraco na árvore, logo abaixo de mim e acorde meu porteiro para que ele abra a porta e lhe deixe entrar.” Quando a Raposa se aproximou da árvore, o Cão saltou sobre ela e a fez em pedaços.

O Lobo e a Cabra

UM LOBO viu uma Cabra que pastava no alto de um elevado precipício, onde ele não tinha condições de alcançá-la. Ele chamou por ela e rogou-lhe intensamente que descesse, pois corria perigo de cair; ele ainda acrescentou que ali embaixo, onde ele estava, estendia-se uma bela campina, onde a erva era mais saborosa. Ela replicou: “Não, meu amigo, não é para pastar que você me convida, mas para matar a sua fome.”

O Leão e o Touro

UM LEÃO, desejando fortemente capturar um Touro, ainda que temeroso de atacá-lo devido ao seu grande tamanho, utilizou-se de um estratagema para assegurar a sua destruição. Aproximou-se do Touro e falou: “Acabo de assassinar uma saborosa ovelha, meu amigo; e me alegrarei em ter sua companhia no jantar.” O Leão dizia isso na esperança de poder atacar o Touro quando este reclinasse a cabeça durante o banquete e assim fazer dele seu verdadeiro jantar. O Touro, ao aproximar-se do covil do Leão, viu enormes espetos e caldeirões gigantes, mas nenhum sinal da ovelha e, sem dizer uma palavra, imediatamente se foi dali. O Leão inquiriu porque ele partia de modo tão abrupto sem uma palavra ao seu anfitrião, que não lhe havia feito nenhuma ofensa. “Eu tive razões suficientes”, disse o Touro. “Não vi qualquer indicação de que você tenha abatido uma ovelha, mas encontrei claros sinais de que você se preparava para jantar um Touro.”

O Bode e o Burro

UM HOMEM criava um Bode e um Burro. O Bode, invejando o Burro devido à maior quantidade de alimento que este recebia, disse: “Que tratamento horrível você recebe: ora trabalha no moinho, ora carrega pesados fardos.”; ele o aconselhou a que fingisse ser epilético e caísse no canal para obter descanso. O Burro ouviu suas palavras e, caindo no canal, ficou bastante machucado. Seu dono, procurando por um médico, pediu-lhe um conselho. Este lhe mandou colocar sobre as

feridas os pulmões de um Bode. Imediatamente o Bode foi morto e o Burro acabou curado.

O Rato da Cidade e o Rato do Campo

UM RATO DO CAMPO convidou um Rato da Cidade, seu amigo íntimo, a que lhe fizesse uma visita e com ele jantasse. Como estivessem no campo, comeram trigo e raízes arrancadas das sebes; o Rato da Cidade disse ao seu amigo: “Você mais parece um mendigo vivendo aqui, enquanto que eu, em minha casa, vivo na fartura. Estou cercado de todo luxo e se você vier comigo, como desejo, dividirei com você grande parte das minhas guloseimas.” O Rato do Campo acabou facilmente persuadido e foi até a cidade com seu amigo. Na chegada, o Rato da Cidade colocou diante dele pão, cevada, feijões, figos secos, mel, passas e, por fim, trouxe de uma cesta um delicioso pedaço de queijo. O Rato do Campo, extasiado diante de tantos prazeres, expressou sua satisfação com calorosos termos e lamentou a vida cruel que levava. Quando começavam a comer, alguém abriu a porta; soltando guinchos, eles fugiram a mais rápido possível para um buraco muito estreito, onde ficavam terrivelmente espremidos. Eles mal haviam iniciado novamente seu repasto quando outra pessoa entrou para retirar algo do armário, após o que, os dois Ratos, mais assustados do que antes, fugiram às carreiras. Finalmente o Rato do Campo, quase morto de fome, disse ao seu amigo: “Apesar de você ter me preparado tão delicioso festim, deixarei que você o saboreie sozinho. Aqui existem perigos demais para o meu gosto e eu prefiro o meu campo e minhas raízes, onde posso viver em segurança e sem medo.”

O Lobo, a Raposa e o Macaco

UM LOBO acusou uma Raposa de roubo, mas a Raposa negou inteiramente sua culpa. Um Macaco aceitou ser juiz da questão. Após cada um haver fartamente dado sua versão do caso, o Macaco anunciou sua sentença: “Eu não acho que você, Lobo, tenha perdido o que diz;

mas acredito que você, Raposa, tenha mesmo roubado o que tão vigorosamente nega.”

Os desonestos, ainda que ajam honestamente, não têm crédito.

O Mosquito e a Mula

UM MOSQUITO pousou em uma carroça e dirigindo-se à Mula, falou: “Como você é lerd! Por que não vai mais rápido? Olhe que lhe dou uma ferroada no pescoço!” A Mula replicou: “Eu não dou valor ao que você diz; importo-me apenas com quem está sentado acima de você e que me apressa o passo com o chicote ou me detém com as rédeas. Basta, portanto, de insolências, pois eu sei muito bem a hora de ir rápido ou devagar.”

Os Pescadores

ALGUNS PESCADORES atiraram suas redes no mar. Percebendo que elas estavam pesadas, eles dançaram de alegria, supondo que tivessem tido farta pescaria. Quando trouxeram as redes para a praia, encontraram apenas uns poucos peixes: as redes estavam cheias de areia e pedras, e os homens ficaram profundamente desapontados com o que lhes sucedera, pois haviam formado diferente expectativa. Um deles, um velho, falou: “Deixemos de lamentar, companheiros, pois, como me parece, a tristeza é sempre a irmã gêmea da alegria; como prova disso, nós, que antes estávamos tão contentes, no instante seguinte viemos a ficar tão tristes.”

O Leão e os Três Touros

TRÊS TOUROS há um longo tempo pastavam juntos. Um Leão estava à espreita, na esperança de fazê-los sua presa, mas tinha medo de atacá-los enquanto estivessem juntos. Tendo finalmente, com palavras ardilosas, conseguido separá-los, ele os atacou sem medo, uma vez que se encontravam sozinhos e, um a um, banquetear-se com eles.

A União faz a força.

O Passarinheiro e a Víbora

UM PASSARINHEIRO, apanhando sua armadilha e alguns galhos, saiu para caçar pássaros. Vendo um tordo pousado em uma árvore, resolveu apanhá-lo e, dedicando-se inteiramente à preparação da armadilha, tinha suas atenções inteiramente voltadas para o céu. Enquanto olhava para cima, ele descuidadamente pisou numa Víbora que dormia próximo a seu pé. A Víbora, despertando, picou-o e ele, principiando a desfalecer, disse a si mesmo: “Ai de mim! Enquanto preparava armadilhas para outro, caí eu mesmo na armadilha do destino.”

O Cavalo e o Burro

UM CAVALO, orgulhoso de seus adornos, encontrou um Burro na estrada. O Burro, transportando uma pesada carga, movia-se devagar pelo caminho. “É com dificuldade”, disse o Cavalo, “que resisto à idéia de lhe dar um coice.” O Burro manteve a tranquilidade e fez apenas um silencioso apelo à justiça dos deuses. Não decorreu muito tempo e o Cavalo, ficando velho, foi mandado por seu dono à fazenda. O Burro, vendo que ele puxava uma carroça de estrume, assim o ridicularizou: “Foste reduzido à condição que antes desprezavas. Onde estão agora teus enfeites, fanfarrão?”

A Raposa e a Máscara

UMA RAPOSA entrou na casa de um ator e, remexendo seus pertences, encontrou uma Máscara, admirável imitação de uma cabeça humana. A Raposa colocou suas patas nela e falou: “Que bela cabeça! Apesar disso, não tem qualquer valor, uma vez que não possui cérebro.”

Os Gansos e as Garças

OS GANSOS e as Garças estavam se alimentando na mesma campina quando um passarinho surgiu com redes para capturá-los. As Garças, de vôo fácil, fugiram à sua aproximação; enquanto os Gansos, mais lerdos e pesados, foram capturados.

O Cego e o Filhote de Lobo

UM CEGO estava acostumado a distinguir diferentes animais ao tocá-los com as mãos. O filhote de um Lobo se aproximou e pediu que o homem o tocasse e adivinhasse o que ele era. O Homem o apalpou e, em dúvida, assim disse: “eu não sei ao certo se é o filhote de uma Raposa ou de um Lobo, mas de uma coisa eu sei muito bem: não é seguro admiti-lo no meio do rebanho.”

As tendências más são descobertas cedo.

Os Cães e a Raposa

ALGUNS CÃES, encontrando a pele de um leão, começaram mordê-la, rasgando-a em pedaços. Uma Raposa, ao vê-los, disse: “Se o leão estivesse vivo, vocês logo descobririam que essas garras são mais fortes que seus dentes.”

É fácil chutar um homem que está fraco.

O Sapateiro que se fez Doutor

UM SAPATEIRO incapaz de fazer prosperar seu comércio e desesperado com a pobreza, começou a praticar medicina em uma cidade na qual não era conhecido. Ele vendia um remédio fingindo que era um antídoto para todos os venenos e obteve grande fama entre as pessoas e os periódicos. Quando aconteceu ao Sapateiro de cair seriamente enfermo, o Prefeito da cidade resolveu testar sua capacidade. Para este propósito, ele pediu uma xícara e, enquanto a enchia de água, fingiu misturar veneno juntamente com o antídoto do

Doutor, mandando-lhe que bebesse com a promessa de uma recompensa. O Sapateiro, temendo a morte, confessou que não tinha conhecimento algum de medicina e era famoso apenas pelas tolices que a multidão dizia. O Prefeito então convocou uma assembléia pública e assim se dirigiu aos cidadãos: “Que bobagem vocês fizeram! Não hesitaram em confiar suas cabeças a um homem que não sabe fazer outra coisa que não sapatos para seus pés.”

O Lobo e o Cavalo

UM LOBO, chegando de um campo, encontrou um Cavalo e assim se dirigiu a ele: “Eu o aconselho a ir até aquele campo. Está cheio de excelente aveia. Deixei intocada para seu uso, pois você é um amigo a quem eu adoro ouvir se deliciando com boa comida.” O Cavalo replicou: “Se a aveia fosse comida de Lobos, você jamais cederia aos seus ouvidos em detrimento de sua barriga.”

Os homens de má reputação, mesmo quando realizam boas ações, fracassam em receber crédito por elas.

O Irmão e a Irmã

UM PAI tinha um casal de filhos. O menino destacava-se por sua beleza e a menina por sua extraordinária feiúra. Enquanto brincavam, aconteceu um dia de se olharam num espelho que estava colocado sobre uma cadeira, no quarto da mãe. O menino felicitou-se pela boa aparência; a menina ficou furiosa e já não podia mais agüentar os auto-elogios do Irmão, interpretando tudo o que ele dizia (e como podia ser diferente?) como uma provocação a ela. A menina correu até o pai e, para se vingar do Irmão, maldosamente acusou o Irmão de, sendo menino, fazer uso do que pertencia somente a meninas. O pai abraçou-os ambos e com imparcialidade beijou-os, dizendo: “Eu gostaria que vocês se olhassem no espelho todos os dias: você, meu filho, para que

não corrompa sua beleza com má conduta; e você, minha filha, para que compense sua falta de beleza com virtudes.”

As Vespas, as Perdizes e o Fazendeiro

AS VESPAS e as Perdizes, vencidas pela sede, dirigiram-se até um Fazendeiro e suplicaram-lhe um pouco d'água para beber. Elas prometeram recompensá-lo pelo favor. As perdizes declararam que podiam escavar ao redor de suas videiras e fazê-las produzirem uvas mais saborosas. As Vespas disseram que, com seus ferrões, poderiam protegê-lo dos gatunos. Mas o Fazendeiro as interrompeu dizendo: “Eu já tenho dois bois, que, sem nada me prometerem, já fazem tudo isso para mim. É muito melhor dar a água a eles do que a vocês.”

O Corvo e Mercúrio

UM CORVO, apanhado em uma armadilha, rogou a Apolo que o salvasse, fazendo um voto de levar incenso ao seu santuário. Mas, salvo do perigo, ele esqueceu da promessa. Pouco tempo depois, novamente apanhado numa armadilha, ele ignorou Apolo e fez a Mercúrio a oferta de incenso. Mercúrio logo apareceu e disse a ele: “Ó sujeito ordinário! Como posso eu acreditar em ti, que negaste e ofendeste teu antigo benfeitor?”

O Vento Norte e o Sol

O VENTO NORTE e o Sol disputavam qual era o mais poderoso e concordaram que deveria ser declarado vencedor aquele que primeiro conseguisse fazer um homem que passava arrancar as próprias vestes. O Vento Norte testou seu poder soprando com toda a sua força, mas por mais empenho que tivesse, o máximo que obteve foi que o Viajante vestisse um casaco; renunciando a qualquer esperança de vitória, o Vento Norte chamou o Sol para ver o que ele podia fazer. O Sol repentinamente se pôs a brilhar em toda a sua intensidade. O Viajante

logo sentiu o calor e começou a se desfazer de suas vestes peça por peça, até que, finalmente, vencido pela temperatura, despiu-se e foi se banhar em um lago que havia no caminho.

A persuasão é melhor que a força.

Os Dois inimigos

DOIS HOMENS que eram inimigos mortais viajavam em um mesmo navio. Determinados a ficarem o mais afastados que fosse possível, um sentou-se na popa e o outro na proa do barco. Uma violenta tempestade caiu e, com a embarcação sob risco de naufragar, o homem que estava na popa inquiriu ao piloto qual das extremidades no navio afundaria primeiro. Ao ouvir que seria a proa, o Homem disse: “A morte não será dolorosa para mim se eu puder ver meu inimigo morrer primeiro que eu.”

Os Galos de Briga e a Perdiz

UM HOMEM tinha dois Galos de Briga em seu galinheiro. Um dia, casualmente, ele encontrou uma dócil Perdiz, que estava à venda. Comprou-a, levando-a até sua casa para ser criada junto com os Galos de Briga. Quando a Perdiz foi posta no galinheiro, eles a espancaram e assim prosseguiram por muito tempo, de tal modo que a Perdiz ficou seriamente preocupada e supôs receber tão cruel tratamento por ser uma estranha. Não demorou muito e ela viu os Galos brigando entre si, só se separando quando um deles era derrotado. Ela então disse a si mesma: “Não vou mais me afligir por apanhar desses Galos, pois vejo que eles não podem evitar nem mesmo de brigar entre eles.”

O Sapo Charlatão

UM SAPO uma vez apareceu em sua casa, no pântano, e proclamou a todos os animais ser um médico de mão cheia, hábil para receitar remédios e curar todas as doenças. Uma Raposa perguntou a ele:

“Como você espera prescrever aos outros quando é incapaz de curar seu próprio andar ridículo e a pele enrugada?”

O Leão, o Lobo e a Raposa

UM LEÃO, tendo envelhecido, passava o dia deitado em sua caverna. Todos os animais iam visitar seu rei, exceto a Raposa. O Lobo, desse modo, acreditando ter uma oportunidade capital, acusou a Raposa de não demonstrar nenhum respeito ao rei dos animais. Nesse exato momento, a Raposa passava e ouviu as últimas palavras do Lobo. O Leão, ao vê-la, rugiu de ódio e a Raposa se defendeu, dizendo: “De todos os que aqui vieram, quem lhe será mais benéfico do que eu, que viajei à toda parte, em todas as direções, inquirindo dos médicos os meios de curá-lo?” O Leão ordenou que ela rapidamente lhe dissesse a cura e a Raposa replicou: “Você deve esfolar vivo um Lobo e agasalhar-se em sua pele ainda quente.” O Lobo foi imediatamente apanhado e esfolado; enquanto isso, a Raposa, voltando-se para ele, disse: “Você não devia ter se preocupado com a doença do seu rei, mas sim com sua cura.”

A Casa do Cachorro

DURANTE O INVERNO um Cachorro encolhia-se todo no menor espaço possível, procurando a melhor forma de se abrigar do frio. Entretanto, quando o verão reaparecia, ele se deitava esticado em todo o seu comprimento, parecendo a si mesmo ter um grande tamanho. Então ele entendeu que não seria fácil, tampouco necessário, encontrar uma casa que pudesse acomodá-lo.

O Lobo e o Leão

VAGANDO pelos arredores de uma montanha ao anoitecer, um Lobo viu sua própria sombra a estender-se magnificamente pelo terreno e disse a si mesmo: “Por que deveria eu, sendo de tão imenso

tamanho, atingindo quase um acre de comprimento, ter medo do Leão? Não deveria eu ser considerado o Rei de todos os animais conhecidos?” Enquanto ele se entregava a esses pensamentos orgulhosos, um Leão caiu sobre ele e o matou. O Lobo, num tardio arrependimento, exclamou: “Pobre de mim! Essa avaliação exagerada de mim mesmo foi a causa de minha destruição.”

As Aves, os animais e o Morcego

AS AVES travavam guerra contra os outros animais e cada um dos lados se alternava na supremacia do conflito. Um Morcego, temendo os rumos incertos da batalha, sempre lutava do lado que considerava mais forte. Quando a paz foi proclamada, sua conduta ambígua era evidente a ambas as facções. Desse modo, as duas partes o condenaram por traição e o impediram de viver à luz do dia; desde então ele passou a viver em lugares escondidos, voando sempre sozinho e à noite.

O Esbanjador e o Cisne

UM JOVEM, grande esbanjador, havia dilapidado todo o seu patrimônio, de modo que lhe restou apenas um casaco. Um dia aconteceu a ele ver um Cisne, surgido antes da época, que deslizava em uma lagoa e gorjeava alegremente. Ele supôs que o inverno houvesse passado e vendeu o casaco. Não muitos dias depois, o inverno recrudescceu, com novas geadas. Quando encontrou o infeliz Cisne morto no chão, o jovem disse: “Infeliz Ave! O que você fez? Por ter aparecido antes da primavera, você causou não só a própria destruição como a minha também.”

A Raposa e o Leão

UMA RAPOSA viu um Leão preso em uma jaula e, parando próximo a ele, pôs-se a insultá-lo amargamente. O Leão disse à Raposa: “Não és tu que me insultas; mas este acidente que aconteceu comigo.”

A Coruja e as Aves

UMA CORUJA, em sua sabedoria, aconselhou as Aves que, ao começarem a germinar os primeiros pés de carvalho, estas deveriam arrancá-los do chão e não deixá-los crescer. Ela dizia que seus frutos produzem um visco que pode ser usado para capturá-los. A Coruja advertiu-os em seguida para que arrancassem as sementes de pinheiro que os homens haviam plantado, pois era uma planta de mau augúrio. É, finalmente, ao ver a aproximação de um homem, a Coruja previu que ele, por vir a pé, sem dúvida trazia consigo flechas certamente mais rápidas que as asas das Aves. As Aves não lhe deram crédito, imaginando que ela estivesse agindo apenas em proveito próprio e a chamaram louca. Mas depois, descobrindo a verdade de suas palavras, elas ficaram maravilhadas com seu conhecimento e a reputaram a mais sábia das Aves. Eis porque, desse dia em diante, quando ela aparece, todos a procuram para ouvi-la, mas ela não dá mais conselho algum e, solitária, lamenta os erros cometidos no passado.

O Corneteiro Aprisionado

UM CORNETEIRO, liderando bravamente alguns soldados, foi capturado pelo inimigo. Ele gritou aos que o capturaram: “Por favor, poupem-me! Não tirem minha vida sem motivo e sem investigação. Não matei um simples homem de sua tropa. Não tenho armas e não carrego nada além desta corneta.” “Essa é precisamente a razão pela qual iremos matá-lo”, eles disseram, “pois, embora você não lute, a sua corneta concita todos à batalha.”

O Burro na pele de Leão

UM BURRO, tendo vestido uma pele de Leão, pôs-se a rugir floresta adentro e divertia-se muito assustando os tolos animais que encontrava em suas caminhadas. Por fim, deparando uma Raposa, ele tentou amedrontá-la também, mas ela, tão logo ouviu o som de sua voz, exclamou: “Eu até poderia ter me assustado se não tivesse ouvido o seu zurrar.”

O Pardal e a Lebre

UMA LEBRE, atacada por uma Águia, gritava bastante e chorava como uma criança. Um Pardal menosprezava-a dizendo: “Onde está agora tua decantada ligeireza nos pés? Por que teu pés são tão lentos?” Enquanto o Pardal assim falava, um Falcão repentinamente caiu sobre ele e o matou. A Lebre, satisfeita com sua morte, enquanto ele expirava disse: “Ah! Você que tão precocemente, pensando estar em segurança, exultava com minha calamidade tem razão agora para deplorar desgraça semelhante.”

A Pulga e o Boi

UMA PULGA assim questionava um Boi: “O que leva você, sendo tão grande e forte, a se submeter às ofensas dos homens, deixando-se escravizar por eles diariamente, enquanto que eu, sendo tão pequena, impiedosamente mordo-lhes a carne, e bebo-lhes o sangue sem comiseração?” O Boi replicou: “Eu não desejo ser ingrato, pois sou amado e considerado pelos homens, que freqüentemente me dão tapinhas na cabeça e nos ombros.” “Ai de mim!”, disse a Pulga, “Esses tapinhas, tão adorados por você, em mim causam a inevitável destruição.”

Os Bons e os Maus

OS BONS foram, certa vez, expulsos pelos Maus dos assuntos da humanidade; pois os Maus, devido à sua maior quantidade, detinham o controle da Terra. Os Bons foram até os céus e pediram uma vingança justa aos seus perseguidores. Eles suplicaram a Júpiter que não mais fossem associados aos Maus, pois eles não tinham nada em comum e não podiam viver juntos, uma vez que estavam envolvidos em guerra incessante; pediram que um decreto indissolúvel pudesse ser baixado para sua futura proteção. Júpiter aceitou seu pedido e determinou que daí em diante os Maus deveriam vir à Terra em bandos, já os Bons deveriam entrar nas habitações dos homens de um em um. Desde então, os Maus abundaram, pois não vinham sozinhos e sim em tropas: enquanto que os Bons, que procedem de Júpiter, não são numerosos, mas escassos, e distantes uns dos outros; poucos são aqueles capazes de distingui-los.

A Pomba e o Corvo

UMA POMBA encerrada em uma gaiola gabava-se do grande número de filhotes que havia gerado. Um Corvo, ouvindo o que ela dizia, exclamou: “Minha boa amiga, pare com essa ostentação absurda. Quanto maior sua família, maior a causa de sua tristeza por ver a todos cativos nessa prisão.”

Mercúrio e o Lenhador

UM LENHADOR, derrubando árvores ao lado de um rio, por acidente deixou seu machado cair nas águas, em um trecho profundo. Ficando assim privado dos meios de subsistência, sentou-se na margem e lamentou o duro destino. Mercúrio apareceu e perguntou a causa de suas lágrimas. Após o homem contar a causa de seu infortúnio, Mercúrio mergulhou na água e, trazendo um machado de ouro, inquiriu se era o que havia sido perdido. Ao ter resposta negativa, Mercúrio desapareceu nas águas uma segunda vez, retornou com um machado prateado na mão e perguntou novamente ao Lenhador se era aquele.

Como o Lenhador negasse, o deus mergulhou pela terceira vez e trouxe o machado perdido. O Lenhador reconheceu o machado e expressou seu contentamento pela recuperação do mesmo. Mercúrio, agradecido por sua honestidade, deu-lhe de presente os machados de ouro e de prata. O Lenhador, ao retornar para casa, contou aos amigos o que lhe sucedera. Um deles imaginou conceber a mesma sorte para si mesmo. Correu até o rio, intencionalmente atirou seu machado no mesmo ponto e sentou à margem para chorar. Mercúrio apareceu a ele, exatamente como esperava; e conhecendo o motivo de seu pesar, mergulhou no lago e trouxe um machado de ouro, perguntando se ele o havia perdido. O Lenhador agarrou o machado avidamente e declarou ser aquele o que se havia extraviado. Mercúrio, aborrecido por tal desonestidade, não apenas lhe tomou o machado de ouro como se recusou a procurar-lhe o machado que havia caído no rio.

A Águia e a Gralha

UMA ÁGUIA, saltando de um elevado rochedo, apanhou um cordeiro e o levou embora em suas garras. Uma Gralha, que havia testemunhado a captura do animal, ficou tomada de inveja e determinou-se a igualar a Águia na força e no vôo. Ela se pôs a voar com grande zumbido nas asas e pousou sobre um enorme carneiro, com a intenção de levá-lo embora, mas suas garras ficaram embaraçadas na lã e ela não conseguiu se soltar, apesar de se debater com todas as forças. O Pastor, vendo o que acontecera, correu até a Gralha e a apanhou. Ele imediatamente amarrou as asas da Gralha e, levando-a para casa, deu-a aos seus filhos. Quando eles perguntaram: “Pai, que tipo de pássaro é este?”, ele replicou: “Pelo que sei, é uma Gralha, mas ela pensava ser uma Águia.”

A Raposa e a Garça

UMA RAPOSA convidou uma Garça para almoçar e não ofereceu mais do que uma sopa em um largo prato de pedra. A sopa escorria do longo bico da Garça a cada tentativa que esta fazia de se alimentar, o que causou grande diversão à Raposa. A Garça, por sua vez, convidou a

Raposa a cear com ela, e colocou diante da convidada, um jarra muito alta e estreita, de modo que a Garça podia facilmente inserir seu bico ali e deliciar-se com seu conteúdo. A raposa, incapaz até mesmo de provar a comida, encontrou justa resposta ao tratamento que dera à colega.

Júpiter, Netuno, Minerva e Momo

DE ACORDO com uma lenda antiga, o primeiro homem foi feito por Júpiter, o primeiro touro por Netuno e a primeira casa por Minerva. Ao final do trabalho, uma disputa se formou entre eles para saber qual era a obra mais perfeita. Eles concordaram em apontar Momo juiz e em aceitar sua decisão. Momo, entretanto, com inveja da habilidade dos três, encontrou falhas em tudo. Primeiro ele criticou Netuno por não ter colocado os chifres do touro logo abaixo dos olhos, pois assim este poderia ver melhor onde golpear. Momo então condenou a obra de Júpiter porque ele não havia colocado o coração do homem do lado de fora, para que todos pudessem ler seus maus pensamentos e tomar precauções contra eles. Finalmente, ele invectivou Minerva por ela não ter provido sua casa de rodas, para que seus moradores pudessem removê-la facilmente à presença de vizinhos inconvenientes. Júpiter, indignado diante de tantas reclamações descabidas, afastou-o da função de juiz e o expulsou da mansão do Olimpo.

A Águia e a Raposa

UMA ÁGUIA e uma Raposa nutriam grande amizade entre si e decidiram viver perto uma da outra. A Águia construiu seu ninho nos ramos de uma grande árvore, enquanto a Raposa vivia no chão, logo abaixo, e ali teve seus filhotes. Não decorreu muito tempo, a Águia, necessitada de provisão para suas crias, enquanto a Raposa estava fora, desceu e apanhou um dos pequenos filhotes, alimentando a si mesma e à sua cria. A Raposa, ao voltar, descobriu o que acontecera, mas ficou menos pesarosa pela morte dos filhos do que pela impossibilidade de vingá-la. Uma justa retribuição, entretanto, a Águia receberia em breve.

Pairando sobre um altar onde alguns aldeões sacrificavam um bode, ela roubou um pedaço da carne, levando-a até seu ninho; mas, junto com a carne, vieram algumas cinzas incandescentes. Um forte brisa logo transformou as centelhas em chamas e as aguiazinhas, ainda imaturas e desassistidas, foram incineradas em seu próprio ninho e despencaram no solo. Ali, à vista da Águia, a Raposa as devorou.

O Homem e o Sátiro

UM HOMEM e um Sátiro uma vez bebiam juntos em homenagem à aliança firmada entre eles. Sendo um dia muito frio, enquanto conversavam, o Homem levou os dedos à boca e soprou-os. Quando o Sátiro perguntou-lhe a razão disso, ele disse que o fazia para aquecer as mãos, porque elas estavam frias. No mesmo dia, mais tarde, eles sentaram à mesa e a comida preparada estava escaldante. O Homem ergueu um dos pratos e se pôs a soprá-lo. Quando o Sátiro novamente inquiriu-lhe a razão, ele disse que estava resfriando a comida, que estava muito quente. “Eu não posso mais considerar meu amigo”, disse o Sátiro, “uma pessoa que com o mesmo hálito sopra ar frio e quente.”

O Burro e seu Comprador

UM HOMEM desejava comprar um Burro e combinou com seu dono que iria testar o animal antes de comprá-lo. Ele levou o Burro e o fez entrar no estábulo, junto com os outros Burros, após o que o animal se pôs do lado do burro mais preguiçoso e comilão que havia ali. Vendo isso, o homem colocou-lhe um cabresto e o devolveu ao dono. Ao ser perguntado como, em tão pouco tempo, conseguira fazer um julgamento, ele respondeu: “Eu nem precisei disso; sei que ele será exatamente igual àqueles que escolheu por companheiros.”

Um homem é conhecido por suas companhias.

As duas Sacolas

TODO HOMEM, de acordo com uma lenda antiga, vem ao mundo com duas sacolas penduradas no pescoço. Uma das delas fica na frente

e está cheia com os erros dos seus vizinhos; a outra, maior, e que fica atrás, está cheia com suas próprias faltas. É por isso que os homens são rápidos para ver as falhas alheias, mas são geralmente cegos às suas próprias.

O Veado no Lago

UM VEADO exaurido pelo calor foi até um lago em busca de água. Vendo sua própria sombra refletida na água, ele admirou grandemente o tamanho e as formas de seus chifres, ao mesmo tempo em que teve raiva de si mesmo por ter pés tão pequenos e frágeis. Enquanto ele se entregava a tais pensamentos, um Leão apareceu e se preparava para cair sobre ele. O veado imediatamente se pôs a correr e, atingindo sua velocidade máxima, aproveitou-se do terreno plano e se colocou a distância segura do Leão. Mas, entrando em uma floresta ele acabou tendo os chifres enroscados nos galhos e o Leão rapidamente o apanhou. Foi quando, já muito tarde, ele assim repreendeu a si mesmo: “Ai de mim! Como iludi a mim mesmo! Estes pés, que haviam me salvado, eu desprezei para glorificar justamente estes chifres que provocaram a minha destruição.”

As coisas de maior valor são geralmente desprezadas.

A Galha e a Raposa

UMA GRALHA faminta pousou em uma figueira, que havia produzido alguns frutos inteiramente fora da estação, e ali aguardava, na esperança de que os figos amadurecessem. Uma Raposa, vendo-a ali por tanto tempo e inteirando-se da razão, disse a ela: “Infelizmente, você está iludindo a si mesma, senhora; suas esperanças só lhe trarão aborrecimentos, jamais as benesses que a senhora espera.”

O Enterro da Cotovia

A COTOVIA (de acordo com uma lenda antiga) foi criada antes mesmo da terra e, quando seu pai morreu, como não houvesse onde enterrá-lo, não era possível realizar o funeral. Ela o deixou insepulto por cinco dias e no sexto, sem saber mais o que fazer, ela o enterrou na própria cabeça. Foi assim que a Cotovia obteve sua crista, que popularmente se diz ser a lápide de seu pai.

O primeiro dever da juventude é a reverência aos pais.

O Mosquito e o Touro

UM MOSQUITO pousou no chifre de um Touro e ali permaneceu por muito tempo. Quando estava prestes a ir embora, soltou um zumbido e perguntou se o Touro gostaria que ele se fosse. O Touro replicou: “Eu nem sabia que você estava aí e se você partir não sentirei sua falta.”

Algumas pessoas são mais importantes aos próprios olhos do que aos dos vizinhos.

A Cadela e seus Filhotes

UMA CADELA, pronta para dar cria, suplicou ardentemente a um pastor por um abrigo. Ao ter seu pedido aceito, ela implorou permissão para criar seus filhotes no mesmo lugar. O pastor novamente consentiu. Mais tarde, protegida por seus filhotes, já crescidos e capazes de se defenderem a si mesmos, tomou posse do lugar, como seu por direito, e não permitiu mais ao pastor se aproximar.

O Cães e as Peles

ALGUNS CÃES famintos viram um grande número de couros de vaca no fundo de um rio. Não sendo capazes de alcançá-los, concordaram em beber toda a água do rio até secá-lo, mas o que aconteceu foi que eles estouraram antes de alcançar as peles.

Não se deve tentar o impossível.

O Pastor e as Ovelhas

UM PASTOR que conduzia seu rebanho a uma floresta viu um carvalho de altura incomum carregado de frutos; largando seu manto, ele escalou a árvore e sacudiu seus galhos. As Ovelhas comeram os frutos caídos e inadvertidamente acabaram por amassar e rasgar o manto. Quando o Pastor desceu e viu o que se passara, ele disse: “Ó mais ingratas das criaturas! Vocês provêm lã para a vestimenta dos outros homens, mas destroem as roupas daquele que as alimenta.”

A Cigarra e a Coruja

UMA CORUJA, acostumada a alimentar-se à noite e dormir durante o dia, era terrivelmente perturbada pelo barulho de uma Cigarra e suplicou-lhe intensamente que parasse de cantar. A Cigarra recusou-se a parar e, quanto mais a Coruja suplicava, mais e mais alto o inseto elevava seu canto. Quando percebeu que não conseguiria demovê-la e que suas palavras eram desprezadas, a Coruja resolveu usar de um estratagema contra a importuna. “Uma vez que eu não posso dormir”, disse, “devido à sua cantoria que, acredite-me, é mais doce que a lira de Apolo, irei saborear o néctar com que Palas me presenteou recentemente. Se a agrada, venha cá e nós o tomaremos juntos.” A Cigarra, que estava sedenta, satisfeita com o elogio à sua voz, avidamente foi até a Coruja. Esta, imediatamente saiu de sua toca, apanhou a Cigarra e a matou.

O Macaco e o Camelo

OS ANIMAIS da floresta davam uma festa na qual o Macaco dançava. Tendo conseguido deleitar a platéia, ele se viu em meio ao aplauso geral. O Camelo, invejoso dos elogios feitos ao Macaco e desejando ter para si mesmo os aplausos dos convidados, propôs-se também ele a dançar para a diversão de todos. Mas saiu-se de forma tão

grotesca que os Animais, com justa indignação, expulsaram-no dali a cacetadas.

É absurdo fingir qualidades que não se tem.

O Camponês e a Macieira

UM CAMPONÊS tinha em seu jardim uma macieira que não dava frutos e servia apenas de refúgio a alguns pardais e gafanhotos. Ele resolveu cortá-la e, tomando de um machado, aplicou-lhe um forte golpe nas raízes. Os gafanhotos e os pardais rogaram-lhe para não derrubar a árvore que os abrigava, mas que a poupasse, e eles então cantariam para ele, alegrando-o no trabalho. O Camponês não prestou atenção aos seus pedidos e deu segundo e terceiro golpes na árvore com o machado. Encontrando um buraco no tronco, ele descobriu ali uma colméia cheia de mel. Provando um favo, ele abandonou o machado e, considerando a árvore sagrada, passou a dedicar-lhe muitos cuidados.

Somente o próprio interesse move alguns homens.

Os Dois Soldados e o Ladrão

DOIS SOLDADOS que viajavam juntos foram atacados por um Ladrão. Um dos soldados fugiu, o outro ficou e defendeu-se com sua hábil mão direita. Tendo o Ladrão caído morto, o soldado tímido voltou e desembainhou a espada; então, atirando para trás seu manto, falou: “Mostrarei a esse bandido quem ele atacou.” Ao ouvir isso, o outro, que lutara com o Ladrão, respondeu: “Eu gostaria que você tivesse me ajudado antes, ainda que fosse com essas palavras, pois eu teria me encorajado acreditando que elas fossem verdadeiras; mas agora ponha a espada de volta na bainha e contenha sua língua igualmente inútil até a ocasião de enganar os que não o conhecem. Eu, que verdadeiramente já atestei a velocidade com que você corre, sei muito bem que nenhuma confiança pode ser dada ao seu heroísmo.”

As Árvores protegidas dos Deuses

OS DEUSES, de acordo com uma lenda antiga, acolheram algumas árvores sob sua especial proteção. Júpiter escolheu o carvalho. Vênus, a murta. Apolo, o loureiro. Cibele, o pinheiro e Hércules, o álamo. Minerva, imaginando por que eles haviam preferido árvores que não davam frutos, inquiriu a razão. Júpiter respondeu: “É para não parecer que desejamos receber a honra por seus frutos.” Mas disse Minerva: “Saiba toda a humanidade ser a oliveira a árvore mais cara a mim devido aos seus frutos.” Então disse Júpiter: “Minha filha, você é mercidamente tida como sábia. Entenda: a não ser que tornemos útil a glória, ela será inteiramente vã.”

A Mãe e o Lobo

UM LOBO FAMINTO vagava, certa manhã, à procura de comida. Ao passar pela porta de uma choupana, na floresta, ele ouviu uma Mãe dizer ao filho: “Fique quieto, ou atirarei você pela janela e o Lobo irá devorá-lo.” O Lobo ficou todo o dia sentado sob a janela, esperando. À noite, ele ouviu a mesma mulher acariciando o filho e dizendo: “Você é um bom menino! Se o Lobo aparecer, nos o mataremos.” O Lobo, ouvindo essas palavras, foi para casa, arfando de frio e de fome. Quando chegou em sua toca, a esposa o inquiriu o motivo de ele estar voltando para casa tão aborrecido e de mãos vazias, ao contrário do normal. Ele replicou: “Foi certamente porque eu dei crédito às palavras de uma mulher!”

O Burro e o Cavalo

UM BURRO implorou a um Cavalo para dar-lhe uma pequena porção de sua comida. “Sim”, disse o Cavalo; “se sobrar alguma coisa, será dada a você, graças à minha dignidade superior, e se você vier à tarde ao meu coche, eu lhe darei um saco cheio de cevada.” O Burro replicou: “Obrigado, mas eu não acredito que alguém que recusa tão pouco agora, mais tarde irá me conceder benefício ainda maior.”

A Verdade e o Viajante

UM VIAJANTE que atravessava o deserto a pé, encontrou por lá uma mulher sozinha e terrivelmente entristecida. Ele perguntou a ela: “Quem és tu?” “Meu nome é Verdade”, ela replicou. “E por que motivo”, quis saber ele, “você deixou a cidade para morar sozinha aqui no deserto?” Ela respondeu: “Porque antigamente a Falsidade estava com poucos, mas agora está com todos os homens.”

O Assassino

UM HOMEM cometeu um assassinato e foi perseguido pelos parentes da vítima. Ao atingir o rio Nilo, ele viu um Leão às suas margens e, terrivelmente alarmado, subiu numa árvore. Ali, em meio aos galhos, ele deparou uma serpente e, ficando novamente apavorado, atirou-se no rio, onde foi apanhado por um crocodilo e devorado. Desse modo, terra, ar e água juntos recusaram-se a abrigar um assassino.

O Leão e a Raposa

UMA RAPOSA firmou parceria com um Leão, fingindo tornar-se sua serva. Cada um fazia a sua parte de acordo com sua própria natureza e poderes. A Raposa encontrava e indicava o lugar onde estavam as presas; o Leão caía sobre elas e as apanhava. A Raposa logo tornou-se invejosa da parte que cabia ao Leão e disse que não iria mais trabalhar para os outros, e sairia à caça ela própria. No dia seguinte, ao tentar apanhar um cordeiro de um rebanho, ela mesma se viu apanhada pelos caçadores e seus cães.

O Leão e a Águia

UMA ÁGUIA deteve seu vôo e pediu a um Leão que fizesse com ela uma aliança para mútua vantagem. O Leão replicou: “Não faço objeções, mas você deve me trazer um fiador, pois como posso me aliar a alguém que pode bater asas em meio a uma barganha?”

Experimente antes de confiar.

A Galinha e a Garça

UMA GALINHA encontrou os ovos de uma víbora e cuidadosamente os manteve aquecidos, até que nasceram as crias. Uma Garça, observando o que ela havia feito, disse: “Criatura estúpida! Por que você chocou essas víboras que, quando crescidas, irão infligir ferimentos em todos, a começar de você mesma?”

O Bobo e o Camponês

UM NOBRE MUITO RICO certa vez mandou abrir todos os teatros sem cobrar nada ao povo e divulgou que daria uma generosa recompensa a quem inventasse um divertimento para a ocasião. Vários atores apareceram para disputar o prêmio. Entre eles estava um Bobo muito conhecido entre a população devido a suas piadas. Ele disse conhecer um tipo de entretenimento que nunca havia sido representado em nenhum palco do mundo. Tais palavras logo se espalharam, causando grande tumulto, e o teatro ficou inteiramente lotado. O Bobo apareceu sozinho no palco, sem qualquer ajudante ou aparato e a expectativa geral causava um profundo silêncio. O Bobo repentinamente baixou a cabeça até o peito e imitou o guinchar de um porco tão admiravelmente que o público imaginou que ele tivesse um porco escondido no casaco e exigiu que o homem fosse revistado. Uma vez que nada foi encontrado, todos apoiaram o ator, premiando-o com os mais calorosos aplausos. Um Camponês da platéia, observando tudo o que se passava, disse: “Ajude-me, Hércules, a vencer esta disputa!” e proclamou que ele faria a mesma coisa no dia seguinte, porém de maneira mais natural. Pela manhã, uma multidão ainda maior reuniu-se no teatro, desta vez, porém, torcendo pelo Bobo, que caíra no agrado geral, de modo que a platéia comparecera muito mais para ridicularizar

o Camponês do que para ver o espetáculo. Ambos os disputantes apareceram no palco. O Bobo, roncando e guinchando como no dia anterior, foi o primeiro e conseguiu os aplausos e incentivos de todos os espectadores. A seguir o Camponês iniciou e, fingindo trazer um pequeno porco entre as roupas (era o que ele fazia, na verdade, mas a audiência não suspeitava disso), deu-lhe um puxão na orelha, levando o suíno a guinchar. O Povo, entretanto, gritou em uníssono que o Bobo havia feito uma imitação muito melhor e exigiu que o Camponês fosse posto fora do teatro a pontapés. Diante da situação, o rústico homem retirou o pequeno porco de dentro do casaco e o mostrou como prova do enorme erro em que a platéia estava incorrendo. “Olhem aqui.”, ele disse, “Isto mostra que tipo de juízes vocês são.”

O Corvo e a Serpente

UM CORVO necessitado de comida viu uma Serpente que dormia em um recanto ensolarado e, voando baixo, agarrou-a com avidez. A Serpente, voltando-se, infligiu ao Corvo uma mordida fatal. Na agonia da morte, a ave exclamou: “Ó infeliz de mim! O que pensava ser um feliz achado era na verdade a fonte de minha destruição.”

O Caçador e o Cavaleiro

UM CERTO CAÇADOR, tendo capturado uma lebre, colocou-a sobre o ombro e seguiu para casa. No caminho, ele encontrou um homem montado a cavalo que lhe pediu a lebre com a intenção de comprá-la. Entretanto, quando o Cavaleiro obteve a lebre, ele se pôs a cavalgar o mais rápido que pôde. O Caçador correu atrás dele, como se estivesse certo de alcançá-lo, mas o Cavaleiro aumentou mais e mais a distância entre eles. O Caçador, muito contra a vontade, chamou-o dizendo: “Pode ir! Eu lhe dou a lebre de presente.”

O Filho do Rei e o Leão pintado

UM REI, admirador de exercícios marciais, teve um sonho no qual era alertado de que seu filho seria morto por um Leão. Temeroso de que o presságio se confirmasse, ele construiu para seu filho um agradável palácio e, para divertimento do rapaz, adornou as paredes com pinturas de todos os tipos de animais, entre os quais havia o quadro de um Leão. Quando o jovem Príncipe viu aquilo, seu pesar por estar confinado tornou-se ainda maior e, aproximando-se do Leão, ele disse: “Ó mais detestável dos animais! Por causa de um sonho mentiroso de meu pai fui encerrado neste palácio, como uma menina: o que eu não faria com você?” A estas palavras, ele levou a mão até uma planta de espinhos com a intenção de arrancar-lhe um ramo para bater no Leão. Mas um dos espinhos feriu seu dedo, causando-lhe grande dor e inflamação, que levou o jovem Príncipe a perder os sentidos. Uma violenta febre o abateu repentinamente, levando-o a falecer não muitos dias depois.

Devemos encarar de frente nossos problemas e não fugir deles.

A Gata e Vênus

UMA GATA apaixonou-se por um belo rapaz e rogou a Vênus que desse a ela forma de mulher. Vênus aceitou o pedido e transformou-a numa bela senhorita, de modo que o rapaz se apaixonou logo que a viu e casou com ela. Enquanto os dois estavam deitados no quarto, Vênus, desejando saber se a mudança operada na Gata havia mudado também seus hábitos, soltou um rato no meio do aposento. A Gata, esquecendo de imediato sua condição atual, pulou do leito e pôs-se a perseguir o rato, na intenção de devorá-lo. Vênus ficou bastante desapontada e devolveu a Gata ao seu estado anterior.

Os instintos se sobrepõem à educação.

As Cabras e suas Barbichas

AS CABRAS, haviam obtido de Júpiter uma barbicha; os Bodes ficaram bastante desgostosos e foram se queixar ao deus de que as fêmeas os haviam igualado em dignidade. “Permitam-lhes”, disse

Júpiter, “que desfrutem de uma honra vazia por terem a mesma distinção do nobre sexo; elas, porém, jamais serão iguais a vocês em força e coragem.”

Pouco importa àqueles que são inferiores a nós em mérito ser iguais a nós nas aparências.

O Camelo e o Árabe

UM ARABE, tendo preparado seu Camelo para viagem, perguntou ao animal se este preferia subir ou descer as dunas. O pobre animal, não sem um pouco de razão, respondeu: “Por que você me pergunta tal coisa? Não podemos ir por um caminho plano?”

O Moleiro, seu Filho e o Burro

UM MOLEIRO e seu filho conduziam um Burro a uma feira, onde pretendiam vender o animal. Não haviam ido muito longe quando encontraram um grupo de mulheres, que conversavam e riam, reunidas em torno de um poço. “Olhem isso!”, gritou uma delas, “Já tinham visto alguém fazer como esses dois, que seguem caminho a pé quando bem poderiam ir montados?” O velho, ouvindo isso, rapidamente fez com que seu filho montasse no Burro e assim continuaram alegremente sua jornada. Mais tarde, passaram por um grupo de velhos, que mantinham uma calorosa discussão. “Aí está!”, disse um deles, “Isso prova o que eu estava dizendo. Que respeito é dedicado ao velhos nos dias de hoje? Vêem aquele preguiçoso menino que segue montado no Burro enquanto seu velho pai é obrigado a caminhar? Desça daí, vagabundo, e deixe que o velho descansa suas pernas cansadas.” Diante disso, o velho fez o menino descer e montou ele próprio. Assim prosseguindo, eles avançaram bastante, até que encontraram um grupo de mulheres e crianças: “Por que, seu velho preguiçoso”, gritaram várias línguas de uma vez, “você vai montado nesse animal enquanto esse pobre menino segue a pé ao seu lado?” O Moleiro, de boa natureza, imediatamente colocou o menino na garupa. Já estavam quase chegando à cidade quando um homem foi até eles: “Por favor, meu bom homem”, disse o desconhecido, “este Burro é seu?” “Sim”,

respondeu o velho. “Ó ninguém jamais poderia imaginar tal coisa!”, disse o outro, “Do jeito que você o obriga a carregar tanto peso, seria mais fácil vocês dois carregarem esse pobre animal do que ele a vocês.” “Se assim o agrada”, disse o velho, “nós podemos tentar.” Eles então desceram e com a ajuda de um mastro ao qual amarraram as patas do Burro, seguiram carregando o animal até uma ponte próxima à entrada da cidade. Tão pitoresca visão despertava gargalhadas em todos os que a deparavam, até que o Burro, não suportando mais o barulho nem o tratamento a que era submetido, arrebentou as cordas que o prendiam e, desvencilhando-se do mastro, despencou no rio. Diante disso, o velho, aborrecido e envergonhado, voltou para casa convencido de que em seu esforço por satisfazer a todos, não conseguira agradar a ninguém e ainda perdera seu Burro.

O Corvo e a Ovelha

UM CORVO IRRITANTE havia pousado nas costas de uma Ovelha. Esta, bem contra a vontade, carregou-o a todas as partes por um longo tempo, até que finalmente disse: “Se você amolasse desse jeito a um cachorro, ele o expulsaria a dentadas.” A isto, replicou o Corvo: “Eu desprezo os fracos e respeito os fortes. Sei muito bem a quem posso incomodar e a quem devo elogiar; e isso foi o que me fez chegar a idade tão avançada.”

A Raposa e o Arbusto

UMA RAPOSA estava subindo uma sebe quando escorregou e agarrou-se a um Arbusto para se salvar. Tendo ferido seriamente as patas, ela acusou o Arbusto de tê-la tratado pior do que a própria sebe. O Arbusto, interrompendo-a, disse: “Você deve ter perdido o juízo por tentar se agarrar a mim, que estou acostumado a me agarrar aos outros.”

O Lobo e o Leão

UM LOBO, tendo roubado um cordeiro de um rebanho, estava levando a presa até seu covil. Um Leão o encontrou no caminho e tomou-lhe o cordeiro. Mantendo uma certa distância, o Lobo exclamou: “Você indignamente tomou o que era meu por direito!” Ao que o Leão ironicamente retrucou: “Seu por direito, é? Foi presente de algum amigo, por acaso?”

O Cão e a Ostra

UM CÃO, acostumado a comer ovos, viu uma Ostra e, escancarando a boca, engoliu o molusco com máximo deleite, acreditando tratar-se de um ovo. Logo, padecendo grandes dores de estômago, ele exclamou: “Mereci este sofrimento pela estupidez de pensar que tudo o que é redondo seja um ovo.”

Aqueles que agem sem suficiente raciocínio, geralmente correm perigos inesperados.

A Formiga e o Pombo

UMA FORMIGA foi até a margem de um rio matar a sede e, sendo arrastada pela correnteza, estava a ponto de se afogar. Um Pombo pousado em uma árvore que pendia sobre as águas, arrancou uma folha e deixou-a cair no rio, próximo à Formiga. Esta subiu sobre a folha e flutuou em segurança até a margem. Não muito depois, um passarinho apareceu e, sob a árvore, dispôs alguns galhos impregnados de visgo para aprisionar o Pombo. A Formiga, percebendo tal intento, mordeu o pé do homem. Com a dor, o passarinho deixou cair sua armadilha e o barulho fez o Pombo bater asas.

A Perdiz e o Cão de Caça

UMA PERDIZ apanhada por um Cão de Caça estava prestes a ser morta. A Perdiz suplicou intensamente que ele lhe poupasse a vida dizendo: “Por favor, mestre, permita-me viver e eu atrairei muitas perdizes ao senhor em retribuição à sua misericórdia para comigo.” O

Cão assim respondeu: “Agora terei ainda menos escrúpulos em tirar sua vida porque você deseja salvar-se às custas da traição de seus amigos e parentes.”

A Pulga e o Homem

UM HOMEM, bastante incomodado por uma Pulga, conseguiu finalmente apanhá-la e disse: “Quem é você que se alimenta dos meus membros e me dá tanto trabalho para ser encontrada?” A Pulga replicou: “Ó caro senhor, por favor, poupe minha vida e não me mate, pois não lhe posso causar grande dano.” O Homem, rindo, respondeu: “Agora mesmo é que a matarei, pois nenhum mal, seja ele grande ou pequeno, deve ser tolerado.”

Os Ladrões e o Galo

ALGUNS LADRÕES invadiram uma casa e não encontraram nada senão um Galo, a que roubaram, saindo depois o mais rápido possível. Assim que chegaram em casa, prepararam-se para matar a ave, que assim suplicou por sua vida: “Por favor, poupem-me; eu sou de grande utilidade aos homens, pois sou eu quem os acorda para que possam trabalhar.” “Esta é a principal razão pela qual devemos eliminá-lo”, replicaram eles, “pois quando acorda nossos vizinhos, você põe um fim em nosso negócio.”

As salvaguardas da virtude são odiosas aos de má intenção.

O Cão e o Galo

UM HOMEM RICO deu uma grande festa, para a qual ele convidou muitos amigos e conhecidos. Seu Cão aproveitou a ocasião e também convidou outro cão, seu amigo, dizendo: “Meu dono está dando uma festa e vai sobrar muita comida; venha jantar comigo esta noite.” O convidado apareceu na hora marcada e, vendo os preparativos de tão grande acontecimento, exclamou, tomado de alegria: “Como estou feliz por ter vindo! Não é sempre que se tem uma chance desta. Vou me empanturrar, comendo o suficiente para hoje e amanhã.” Enquanto ele

felicitava a si mesmo e balançava a cauda, o Cozinheiro o viu movendo-se entre seus pratos e, agarrando-o, atirou-o sem cerimônia pela janela. Ele caiu com força no chão e saiu mancando, com dolorosos uivos. Seus gritos logo atraíram outros cães da rua, que vieram vê-lo e perguntaram como ele havia se saído no banquete. Ele replicou: “Para dizer a verdade, eu bebi tanto vinho que não me lembro de nada. Não recordo nem mesmo como consegui sair da casa.”

Os Viajantes e o Plátano

DOIS VIAJANTES, vencidos pelo calor do verão, deitaram-se ao meio-dia sob as vastas ramagens de um Plátano. Enquanto estavam sob sua sombra, um dos Viajantes disse ao outro: “Que singular inutilidade é a do Plátano! Ele não dá frutos e não tem qualquer serventia ao homem.” O Plátano interrompeu-o, dizendo: “Seus ingratos! Enquanto descansam à sombra de minha copa, acusam-me de inútil e imprestável?”

Alguns homens desprezam até mesmo as maiores bênçãos.

As Lebres e os Sapos

AS LEBRES, oprimidas pela timidez excessiva e aborrecidas pelo perpétuo terror a que eram expostas, de comum acordo determinaram dar um fim a si mesmas e as seus problemas atirando-se de um elevado precipício em uma profunda lagoa logo abaixo. Como elas avançassem em grande número, os Sapos que descansavam à margem da lagoa ouviram o barulho de seus passos e fugiram apressados para o fundo por segurança. Vendo o rápido desaparecimento dos Sapos, uma das Lebres gritou às suas companheiras: “Fiquem, minhas amigas, não façam o que pretendem; pois vocês vêem agora que existem criaturas ainda mais medrosas do que nós.”

O Leão, Júpiter e o Elefante.

O LEÃO importunava Júpiter com suas queixas freqüentes. “É verdade, Ô Júpiter!”, disse ele, “que eu sou gigante na força, belo nas formas e poderoso no ataque. Eu tenho mandíbulas muito bem providas de dentes e patas munidas de garras afiadas, além disso reino sobre todos os animais da floresta, mas, para minha desgraça, sendo quem sou, vejo-me aterrorizado pelo cantar de um galo.” Júpiter replicou: “Por que você me culpa sem motivo? Eu dei a você todos os meu próprios atributos e sua coragem nunca lhe falta, a não ser numa ocasião.” Ouvindo isso, o Leão grunhiu e lamentou bastante e, reprovando a própria covardia, desejou morrer. Enquanto esses pensamentos passavam por sua mente, ele encontrou um Elefante e aproximou-se para conversar com ele. Após algum tempo ele observou que o Elefante balançava a todo momento as orelhas e perguntou ao paquiderme o motivo de tal comportamento. Nesse momento um mosquito pousou na cabeça do Elefante, que replicou: “Você vê este pequeno inseto zumbidor? Se ele entrar em meu ouvido, minha sorte estará selada. Eu morrerei instantaneamente.” O Leão disse: “Bem, um vez que tão grande animal tem medo de um simples mosquito, eu não mais me queixarei, nem desejarei a morte. Descobri que, apesar de tudo, sou muito melhor do que um Elefante.”

O Cordeiro e o Lobo

UM LOBO perseguia um Cordeiro, que se refugiou em um Templo. O Lobo chamou por ele e disse: “O Sacerdote irá oferecê-lo em sacrificio se o encontrar aí.” Ao que o Cordeiro respondeu: “É muito mais honroso para mim ser sacrificado no Tempo do que devorado por você.”

O Homem Rico e o Curtidor

UM HOMEM RICO morava próximo a um curtume e, não suportando mais o cheiro desagradável que provinha de lá, obrigou seu vizinho a se mudar. O Coureiro foi levando suas coisas pouco a pouco, dizendo que logo a mudança estaria completa. Mas como ele ainda

permanecesse por algum período, com o passar do tempo, o homem rico acabou por se acostumar ao cheiro e, não sentindo mais nenhum incômodo, não fez mais qualquer queixa.

O Náufrago e o Mar

UM NÁUFRAGO, tendo sido levado a uma certa praia, após tanto lutar contra as ondas, acabou por dormir profundamente. Depois de algum tempo ele acordou e, olhando para o Oceano, fez-lhe muitas queixas. Ele argumentava que o Mar iludia os homens com sua calmaria, e quando estes se punham a navegar em suas águas, elas se tornavam agitadas e os destruíam. O Oceano, assumindo a forma de uma mulher, respondeu a ele: “Não me culpe, meu bom senhor, mas sim aos ventos, pois eu por natureza sou tão calmo e firme como a terra; porém os ventos, caindo repentinamente sobre mim, castigam-me com seus açoites e deixam-me furioso.”

As Mulas e os Ladrões

DUAS MULAS carregadas de sacolas seguiam jornada a passo lento. Uma carregava dinheiro e a outra boa quantidade de grãos. A Mula que levava o tesouro caminhava de cabeça erguida, como que consciente do valor de sua carga, e sacudia bastante as sinetas presas ao seu pescoço. Sua companheira a seguia quieta e serena. Foi quando alguns Bandidos saíram de seus esconderijos e as atacaram; após muito brigar com seus donos, eles feriram à espada a Mula que transportava o dinheiro e fugiram com todo o montante, sem dar importância à outra carga. A Mula que havia sido roubada e ferida lamentou sua desgraça. A outra replicou: “Sinto-me muito feliz por ter escapado ilesa, pois não perdi minha carga nem recebi ferimento de espécie alguma.”

O Leão e a Lixa

UM LEÃO, entrando na oficina de um ferreiro, buscava entre as ferramentas algo que pudesse satisfazer sua fome. Dirigindo-se mais particularmente a uma Lixa, pediu-lhe um pouco de comida. A Lixa respondeu: “Você deve ser um idiota se acha que vai conseguir algo de mim, que estou acostumado a tirar dos outros sem dar nada em troca.”

O Leão e o Pastor

UM LEÃO, vagando por uma floresta, pisou num espinho. Logo depois, foi até um Pastor e, bajulador, balançava a cauda como a dizer “estou ferido e preciso de sua ajuda.” O Pastor corajosamente examinou o animal e, colocando-lhe a pata sobre o regaço, encontrou o espinho, arrancando-o; tendo por tal modo aliviado sua dor, o Leão retornou para a floresta. Algum tempo depois, o Pastor, aprisionado por uma falsa acusação, foi mandado aos leões como punição ao crime que lhe era imputado. Mas quando o Leão foi solto de sua jaula, reconheceu o Pastor como o homem que o havia curado e, ao invés de atacá-lo, aproximou-se dele e pôs a pata sobre seu regaço. O Rei, tão logo soube do caso, ordenou que o Leão fosse novamente solto na floresta e perdoou o Pastor, devolvendo-o ao convívio de seus amigos.

O Camelo e Júpiter

O CAMELO, vendo um touro adornado de chifres, sentiu muita inveja e desejou para si as mesmas honras. Ele foi até Júpiter e suplicou-lhe que lhe desse chifres. Júpiter, irritado por ver que um animal de tamanha altura e força não estava satisfeito e desejava ainda mais, não apenas recusou-se a dar-lhe os chifres, como também privou-o de uma parte das orelhas.

A Pantera e os Pastores

UMA PANTERA, por acidente, caiu em um poço. Os Pastores descobriram-na e, enquanto alguns lhe atiravam paus e pedras, causando-lhe ferimentos, outros, movidos por compaixão e desejando

que o animal morresse sem sofrimento, jogaram-lhe um pouco de comida para prolongar-lhe a vida. À noite eles voltaram para casa, sem cogitar qualquer perigo, e supondo que pela manhã fossem encontrá-la morta. A Pantera, no entanto, quando recobrou as forças, conseguiu libertar-se do poço e correu de volta à sua toca. Depois de alguns dias, ela retornou e massacrou o gado, assassinou também os pastores que a haviam atacado, tomada de grande fúria. Então, aqueles que tinham poupado sua vida, temendo o mesmo destino, entregaram a ela seus rebanhos e suplicaram pelas próprias vidas. A eles a Pantera assim respondeu: “Da mesma forma que recordo daqueles que me atiraram pedras, recordo também daqueles que me deram comida; nada temam, portanto. Eu trato como inimigo apenas àqueles que me fizeram mal.”

O Burro e o Cavalo

UM BURRO felicitou um Cavalo por este ser tão generosa e cuidadosamente tratado, enquanto ele quase nada tinha para comer, além de ter que trabalhar duro. Mas quando a guerra chegou, um soldado fortemente armado montou o Cavalo e, levando-o para o conflito, foi parar bem no meio das tropas inimigas. O Cavalo acabou ferido e tombou morto no campo de batalha. Então o Burro, vendo todas essas coisas, mudou de idéia e apiedou-se do Cavalo.

A Águia e seu Captor

UMA ÁGUIA foi certa vez capturada por um homem que imediatamente depenou suas asas e a colocou no galinheiro, junto com as outras aves, que a tratavam da pior maneira possível. Mais tarde um vizinho a comprou e permitiu que as penas de suas asas crescessem novamente. A Águia alçou vôo e, agarrando uma lebre, levou-a até seu benfeitor como reconhecimento. Uma Raposa, vendo isso, exclamou: “Não cultive o favor deste homem, mas o do seu dono anterior, pois ele pode apanhá-la uma segunda vez e privá-la de suas asas.”

O Careca e o Mosquito

UM MOSQUITO morde a lisa cabeça de um homem calvo que, desejando destruir o importuno, desferiu em si mesmo um violento tapa. Escapando, o Mosquito falou, jocosamente: “Você, que deseja vingar, até mesmo com a morte, a picada de um minúsculo inseto, viu o que fez a si mesmo por acrescentar o insulto à injúria?” O Careca respondeu: “Eu posso facilmente reconciliar-me comigo mesmo porque sei que não havia a intenção. Mas você, um inseto cruel e desprezível que se deleita em sugar sangue humano, a você eu desejaria matar ainda que me coubesse a mais grave das penalidades.”

A Oliveira e a Figueira

A OLIVEIRA, por manter as folhas durante o ano inteiro, ridicularizava a Figueira porque esta mudava as suas de acordo com a estação. Uma nevasca se abateu sobre elas e, estando a Oliveira cheia de folhas, seus galhos se quebraram sob o peso da neve, despojando a árvore de sua beleza e matando-a. Já com a desfolhada Figueira, a neve caía direto no chão, sem causar qualquer problema.

A Águia e o Milhafre

UMA ÁGUIA, tomada de tristeza, pousou nos galhos de uma árvore, ao lado de um Milhafre. “Por que”, disse este, “vejo você com um olhar tão melancólico?” “Eu procuro”, ela replicou, “por um companheiro adequado para mim, mas não consigo encontrar nenhum.” “Aceite-me”, respondeu ele, “pois eu sou muito mais forte do que você.” “Você é capaz de manter sua sobrevivência pela rapinagem, como eu?” “Bem, é corriqueiro para mim carregar avestruzes nas minhas garras.” A Águia, persuadida por tais palavras, aceitou-o como companheiro. Pouco depois, após as núpcias, a Águia disse: “Vá, e traga-me o avestruz que me prometeu.” O Milhafre, alçando-se no ar, voltou depois com um píffio rato, apesar de muito ter se demorado. “É assim”, disse a Águia, “que você cumpre a promessa

feita a mim?” O Milhafre respondeu: “Para conseguir a sua mão, eu teria sido capaz de qualquer promessa, entretanto eu bem sabia não poder cumpri-la.”

O Burro e seu Dono

UM BURRO, sendo conduzido ao longo de uma estrada, repentinamente parou e pôs-se a correr na direção de um fundo precipício. Seu dono imediatamente agarrou-o pelo rabo, tentando puxá-lo de volta. Como o Burro persistisse em seus esforços, o homem deixou-o ir e disse: “Vá, mas faça-o às suas custas.”

O Tordo e o Passarinheiro

UM TORDO alimentava-se dos frutos de uma murta e não arrastava pé dali porque eles estavam deliciosos. Um Passarinheiro observou sua permanência prolongada em um mesmo lugar e, dispendo cuidadosamente suas redes untadas de visgo, logrou apanhar o pássaro. Este, prestes a morrer, exclamou: “Ó tola criatura que sou! Pelo simples prazer da comida, acabei privando a mim mesmo da vida.”

A Rosa e o Amarante

UM AMARANTE plantado próximo a uma Roseira, assim se dirigiu a ela: “Que maravilhosa flor é a Rosa, favorita entre os Deuses e os homens. Eu lhe invejo a beleza e o perfume.” A Rosa replicou: “Contudo, meu caro Amarante, eu floresço apenas por um breve período! Se nenhuma perversa mão arrancar-me do galho, ainda assim eu terei uma vida curta. Porém tu és imortal e jamais fenecerás, mas viverás para sempre em renovada juventude.”

A Queixa dos Sapos ao Sol

UMA VEZ, quando o Sol anunciou sua intenção de ter uma esposa, os Sapos ergueram suas vozes em clamor aos céus. Júpiter, perturbado pelo barulho dos resmungos, inquiriu a causa de suas queixas. Um deles disse: “O Sol, mesmo agora, que ainda é solteiro, resseca o pântano e nos leva a morrer miseravelmente, tornando nosso árido lar. Qual será nossa situação quando ele tiver filhos?”